

MARCOS AMADO



A misericórdia de
DEUS
no Alcorão e na Bíblia:
UM ESTUDO COMPARATIVO



MARCOS AMADO



A misericórdia de
DEUS
no Alcorão e na Bíblia:
UM ESTUDO COMPARATIVO

Martureo 
Centro de Reflexão Missiológica

1ª edição | 2022
São Paulo

A misericórdia de Deus no Alcorão e na Bíblia: Um estudo comparativo, de
Marcos Amado © 2022.

O texto foi originalmente escrito pelo autor em inglês em 2005 como
dissertação para o grau de Mestre no All Nations Christian College
(Hertfordshire, England), mas não foi publicado.

Todos os direitos são reservados.

Primeira edição: Agosto de 2022

Coordenação editorial e preparação de texto: Fernanda Ilinsky Schimenes

Tradução: Eduardo Wu Jyh Herng

Capa, produção gráfica e diagramação: Ideia Dois

Publicação



Sepal – Servindo aos Pastores e Líderes
Rua Jandiatuba, 630, cj 328, Vila Andrade
CEP 05716-150, São Paulo – SP
Fone 11 5523-2544

Elaboração



Martureo – Centro de Reflexão Missiológica
www.martureo.com.br
info@martureo.com.br

SOBRE O CENTRO DE REFLEXÃO MISSIOLÓGICA MARTUREO



Nossa visão

Cristãos brasileiros bem preparados sendo testemunhas do Senhor Jesus e de todo seu ensinamento em todos os povos da terra e em todas as esferas da sociedade.

Nosso foco

Produzir e disseminar conteúdo sobre temas missiológicos essenciais:

- Escrevemos e traduzimos **artigos** com rigor acadêmico;
- Ministramos **cursos** (presenciais e *on-line*, incluindo módulos de pós-graduação) e palestras;
- Publicamos **livros e eBooks**;
- Mantemos um **blog** com entrevistas e notícias e tendências do movimento missionário;
- Disponibilizamos séries de **vídeos**, audioartigos, testemunhos, pesquisas.

Não somos uma agência missionária, tampouco um centro de formação em Missões. Essas instituições, bem como missionários (no campo e em preparo), pastores, estudantes de Teologia e líderes de Missões, são nosso público-alvo.

O Martureo foi fundado em 2014 por Marcos e Rosângela Amado – missionários brasileiros com 23 anos de experiência transcultural – e é um ministério ligado à **Sepal**. Marcos Amado é o autor deste eBook, o Martureo cuidou da coordenação editorial, e a Sepal leva o selo editorial.

As bases do que cremos são as do Movimento de Lausanne e estão no **Compromisso da Cidade do Cabo**.

Sobre o autor

Marcos Amado é graduado em Teologia pelo All Nations Cristian College (Reino Unido) e Mestre em Missiologia com Especialização em Estudos Islâmicos pela mesma instituição. Em Beirute, no Líbano, cursou Estudos Avançados em Religiões e Culturas do Oriente Médio no Institute of Middle East Studies.

À minha amada esposa Rosângela e meus queridos filho e filha,
Filipe e Priscila. Sem a ajuda, apoio e compreensão deles, este
trabalho não poderia ter sido realizado.

ÍNDICE



1. INTRODUÇÃO	15
1.1. Pesquisa prévia ou literatura sobre o assunto	16
1.2. Metodologia	16
1.3. Limitações do estudo	17
1.4. Esboço da dissertação	18
2. A MISERICÓRDIA DE DEUS NO ALCORÃO	19
2.1. Definições	19
2.2. Como a misericórdia de Deus é manifestada?	23
2.2.1. <i>A misericórdia inclusiva de Deus: mostrada para toda a humanidade por meio de seus favores e bênçãos</i>	23
2.2.2. <i>A misericórdia específica de Deus</i>	24
2.2.2.1. Concedida àqueles cuja conduta é reta	24
2.2.2.2. Concedida àqueles que se esforçam à maneira de Deus	26
2.2.2.3. Mostrada por meio do seu perdão e amor	26
2.3. Misericórdia, soberania e justiça: ele é um Deus caprichoso?	28
2.4. Resumindo	31
3. A MISERICÓRDIA DE DEUS NA BÍBLIA	33
3.1. Definições	33
3.1.1. <i>A misericórdia de Deus no Antigo Testamento</i>	33
3.1.2. <i>A misericórdia de Deus no Novo Testamento</i>	36
3.2. Como a misericórdia de Deus é manifestada?	38
3.2.1. <i>Perdão</i>	38
3.2.2. <i>Salvação</i>	39
3.3. Sendo misericordiosos uns com os outros	40
3.4. Soberania, justiça e misericórdia de Deus	41
3.5. Resumindo	43

4. INTERAGINDO ENTRE OS DOIS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	45
4.1. Definições do conceito	45
4.2. Quem se beneficia da misericórdia de Deus e como ela é manifestada?.....	47
4.3. Misericórdia de Deus e seu amor	50
4.4. Sendo misericordiosos uns com os outros	52
4.5. Soberania, justiça e misericórdia de Deus.....	52
5. CONCLUSÃO	57
5.1. Principais implicações missiológicas.....	58
5.2. Possíveis áreas de futura pesquisa.....	61
APÊNDICE 1	63
APÊNDICE 2	66
APÊNDICE 3	67
APÊNDICE 4	68
BIBLIOGRAFIA	77

SUMÁRIO



ESTA DISSERTAÇÃO FAZ UMA COMPARAÇÃO entre a misericórdia de Deus no Alcorão e na Bíblia. O capítulo 1 afirma que, considerando que islamismo e cristianismo são duas das religiões mais importantes do século 21, o estudo de um conceito que é central em ambos livros é muito relevante para um melhor entendimento entre os seguidores dessas duas religiões. Além disso, a metodologia usada e as limitações do estudo são esboçadas.

O capítulo 2 apresenta a misericórdia de Deus no Alcorão segundo entendida pelos estudiosos muçulmanos, incluindo cinco exegetas muçulmanos bem conhecidos. Ele mostra que Deus, no Alcorão, não é retratado como um Deus caprichoso; ao invés disso, misericórdia é intrínseca à natureza de Deus e tem precedência sobre sua soberania.

No capítulo 3, com base em trabalhos de estudiosos cristãos que já trataram em profundidade o assunto, uma visão bíblica da misericórdia de Deus é apresentada, mostrando que o livro santo do cristão apresenta um Deus que é misericordioso a ponto de se tornar pessoalmente envolvido com a humanidade a fim de preencher a lacuna causada pelo pecado. Ao longo do trabalho passagens bíblicas e corânicas são usadas extensivamente para apoiar as descobertas.

O capítulo 4 mostra as semelhanças e diferenças, e o capítulo 5 conclui com as principais implicações missiológicas, mostrando que, apesar das diferenças existentes, as semelhanças do conceito em ambos livros são muito significativas e podem contribuir para um diálogo respeitoso e frutífero entre muçulmanos e cristãos.

1

INTRODUÇÃO



AO LONGO DA HISTÓRIA, a falta de um diálogo mais aberto e construtivo tem levado seguidores do cristianismo e do islamismo a esquecer as semelhanças e enfatizar as diferenças entre as duas religiões, levando a desentendimentos em relação às crenças de cada um. Os cristãos, possivelmente influenciados pela miríade de informações negativas (e muitas vezes unilaterais) que recebem diariamente da mídia popular sobre os muçulmanos e o islamismo, tendem a acreditar que Alá, o Deus do Alcorão, é um Deus imprevisível, cuja soberania o leva a agir de maneira totalmente arbitrária, como se justiça e misericórdia não fossem uma parte importante de sua natureza. Ao mesmo tempo, escritores cristãos, cheios de zelo pelo que acreditam ser o dever religioso deles, acrescentam equívocos ao publicarem artigos e livros que apresentam uma imagem muito sombria do islamismo, alimentando a ideia de que os cristãos estão ‘em guerra’ (espiritual) e deveriam ‘conquistar’ as terras muçulmanas com o evangelho.¹

Na realidade, tanto o islamismo quanto o cristianismo, como as duas mais importantes religiões contemporâneas, colocam ênfase em Deus como sendo o ‘Misericordioso’. A *Fatiha*, o capítulo de abertura do Alcorão, fala da misericórdia de Deus, e cada Sura daí em diante (com exceção da nona) começa afirmando que Deus é o “Graciosíssimo, Misericordiosíssimo”. Da mesma maneira, a Bíblia enfatiza a misericórdia de Deus muito fortemente. Na *King James Version* [*Versão Autorizada Inglesa*], a palavra misericórdia aparece 285 vezes, muitas delas referindo-se a Deus. Essa cifra seria consideravelmente maior se todas as variantes da palavra fossem tomadas em consideração.

¹ Um bom exemplo de uma peça negativa da literatura cristã contra o Islamismo é um livro recentemente publicado, escrito por Don Richardson, *Segredos do Alcorão* (2007). Dois bons ‘antídotos’ são os livros escritos por outros dois escritores cristãos, C. Moucarry e C. Mallouhi, que escreveram, respectivamente, *The Search for Forgiveness* (2004) e *Waging Peace on Islam* (2000). Moucarry e Mallouhi não negam que existem importantes diferenças entre ambas religiões, mas eles fazem isso de uma maneira mais respeitosa e construtiva.

Este texto, portanto, fará uma análise e comparação da misericórdia de Deus nas Escrituras de ambas religiões, e mostrará que, a despeito das diferenças, as compreensões cristã e islâmica da misericórdia de Deus têm uma série de aspectos em comum que, esperançosamente, ajudarão comunidades cristãs a:

- a. *terem uma atitude mais tolerante e compreensiva para com os muçulmanos e, conseqüentemente,*
- b. *serem capazes de apresentar as semelhanças e as diferenças aos amigos muçulmanos por meio de um diálogo mais amoroso, construtivo e respeitoso.*

1.1. Pesquisa prévia ou literatura sobre o assunto

Uma extensa pesquisa junto aos catálogos da Biblioteca do All Nations Christian College, da Biblioteca Britânica e dos sites da Biblioteca da Universidade de Cambridge não localizou algum trabalho com foco em um estudo comparativo da misericórdia de Deus dentro das Escrituras de ambas religiões. Moucarrý, em seu livro *The Search for Forgiveness* (2004), dedicou algumas páginas para a comparação da misericórdia de Deus no islamismo e no cristianismo. Bakker (1987) escreveu um curto artigo comparando a misericórdia de Deus no Alcorão e nos Salmos. Essas duas fontes, junto com uma série de outros livros que (entre outros temas) discutem a natureza da misericórdia de Deus tanto no islamismo quanto no cristianismo, foram bastante úteis e serviram como ponto de partida para esta pesquisa; eles estão listados na bibliografia.

1.2. Metodologia

Rippin, em seu livro *Approaches to the History of the Interpretation of the Qur'an* (1988), afirma que muitos estudiosos têm abordado o estudo do livro sagrado dos muçulmanos tentando restabelecer o significado original do texto ou definindo o que o texto significava para os primeiros ouvintes. Em sua opinião, no entanto, estas eram realmente metas difíceis de alcançar, visto que é questionável se o pesquisador será ou não capaz de ter “verdadeiro conhecimento histórico, dadas as limitações impostas pelos próprios pressupostos do historiador” (1988:3). Ele prossegue dizendo que “o estudioso nunca se tornará um morador da cidade árabe do século 7, mas permanecerá sempre um historiador e filólogo do século 20” (ibid.). Devido a essas e outras limitações, “a resposta histórica sempre será especulativa” (ibid.).

Portanto, ele sugere que uma maneira melhor de estudar o Alcorão seria por meio dos textos exegéticos disponíveis, pois é em “obras exegéticas [que] temos evidências

da ‘reação do leitor’ ao texto” (ibid., p. 4). Dessa forma, pode ser possível chegar a “um resultado intelectualmente satisfatório e [ao mesmo tempo estudar] o que os próprios muçulmanos entenderam que o Alcorão significa” (ibid.).

De uma forma limitada (devido à escassez de comentários corânicos confiáveis em inglês), é como o autor desta obra abordou o estudo da misericórdia de Deus no Alcorão. Inicialmente, vários estudiosos (principalmente muçulmanos originários do Oriente Médio e da Ásia) foram consultados (por meio de suas obras escritas) a fim de entender os aspectos mais importantes do assunto e selecionar as passagens mais importantes do Alcorão relacionadas com o tema. Uma vez alcançado isso, a fim de identificar como os muçulmanos interpretavam a misericórdia de Deus, cinco diferentes coleções exegéticas corânicas escritas por muçulmanos (Ali, Ibn Kathir, Mawdudi, Qutb e Al-Tabari) foram usadas. Posteriormente, o capítulo 2 foi escrito a fim de refletir o mais próximo possível como muçulmanos percebiam a misericórdia de Deus no Alcorão.

A mesma abordagem foi usada para estudar a misericórdia de Deus na Bíblia, embora pesquisando as obras de autores cristãos. Várias obras de estudiosos protestantes cristãos, incluindo vários exegetas, foram utilizadas, conforme refletido na bibliografia.

1.3. Limitações do estudo

Devido ao fato desta dissertação não pretender ser um trabalho apologético, a apresentação feita aqui é baseada no que a comunidade de crentes de cada fé disse sobre a misericórdia de Deus no Alcorão e na Bíblia. O que foi dito pelos estudiosos muçulmanos e cristãos foi aceito tal como exposto a fim de refletir, o mais próximo possível, suas crenças relacionadas ao assunto em questão. Como resultado, não houve tentativa de produzir uma crítica da compreensão da misericórdia de Deus em cada religião; em vez disso, o objetivo principal tem sido comparar e oferecer caminhos que possam ser usados pelos cristãos quando dialogarem com os muçulmanos.

Já que o tema estudado aqui está confinado à misericórdia de Deus no Alcorão e na Bíblia, e não à misericórdia de Deus no islamismo e no cristianismo, as coleções dos Hadiths foram usadas de maneira limitada, somente para substanciar, e não para acrescentar, ao que diz o Alcorão.

Ao pesquisar um assunto como este, o autor deve tentar ao máximo manter distância crítica. Embora essa tenha sido a tentativa, o autor, sendo um cristão, certamente entende a impossibilidade de ter sido completamente bem-sucedido em retratar a misericórdia de Deus no Alcorão de maneira totalmente imparcial. Da mesma forma,

vindo de uma tradição evangélica, isso também pode ser dito sobre o retrato do autor a respeito da misericórdia de Deus na Bíblia.

1.4. Esboço da dissertação

Os capítulos 2 e 3 tratam da misericórdia de Deus no Alcorão e na Bíblia, respectivamente. No capítulo 4, as principais semelhanças e diferenças são traçadas, com ênfase em cinco diferentes áreas: (a) definições e conceitos, (b) quem se beneficia da misericórdia de Deus e como ela se manifesta, (c) a misericórdia de Deus e seu amor, (d) ser misericordioso uns com os outros e (e) a interação entre soberania, justiça e misericórdia de Deus. O capítulo 5 concluirá com as principais implicações missiológicas das descobertas.

2

A MISERICÓRDIA DE DEUS NO ALCORÃO



A PALAVRA ‘MISERICÓRDIA’, EM INGLÊS, é definida pelo *Dicionário Conciso Oxford* como “compaixão ou tolerância mostrada aos inimigos ou ofensores em seu poder”. Embora pelo menos parte dessa definição pudesse ser aplicada ao que o Alcorão fala sobre a misericórdia de Deus, ela não consegue explicar a riqueza do ensino corânico sobre o assunto. Mesmo um exame superficial do livro sagrado muçulmano será suficiente para mostrar que a misericórdia de Deus desempenha um papel central na mensagem de Maomé ao povo da Península Árabe. Ela é mencionada ao longo do livro, e não é possível entender completamente a visão corânica de Deus sem entender que ele é um Deus misericordioso, significando que ele cuida da humanidade e provê suas necessidades espirituais e materiais.

2.1. Definições

Al-rahman e *al-rahim* são palavras árabes usadas no Alcorão para descrever Deus como ‘o misericordioso’. Elas são mencionadas 57 e 115 vezes respectivamente.

De acordo com Gimaret, essas duas palavras eram consideradas “qualificativos paralelos” pela maioria dos antigos comentaristas muçulmanos, “ambas derivadas da raiz r-h-m” (Gimaret, 1995:399), que significa ‘ventre’. Ta’lab, entretanto, era da opinião que *rahman*, diferente de *rahim*, não era derivada de *rh-m*. Em vez disso, era uma palavra hebraica que não era conhecida pelos árabes antes da época de Maomé, e foi incorporada à língua árabe (Gimaret, 1988:375). Isso explicaria, pelo menos em parte, porque o povo de Meca se recusou a adorar *al-rahman* como mencionado na Sura 25:60.

Há indicações claras de que judeus e cristãos na região usavam *rahman* quando falavam de Deus:

Rahmana era um nome hebraico favorito para Deus no período talmúdico e em uso entre os judeus da Arábia. Nos monumentos cristãos encontrados por Dr. Edward Glaser em Yemen, Alá também é mencionado. A inscrição Sirwah (A.D. 542) abre com as palavras: 'No poder do Todo-misericordioso e Seu Messias e do Espírito Santo'. (Zwemer, 1905:27)

Amir-Ali, após explicar que judeus e cristãos da época de Maomé já usavam as palavras *rahman* e *rahim*, conclui com uma afirmação estimulante, dizendo que:

... enquanto La ilaha il Allah, 'Não há nenhuma divindade exceto A DIVINDADE' nega a associação pagã de divindades menores, Bismilah ir Rahman ir Rahim afirma o reconhecimento exclusivo do Ser Supremo por outras religiões monoteístas também. Nesse sentido, seu significado poderia ser expandido para significar: No nome de Alá (a Divindade Suprema dos Árabes), que é conhecido como Rahman (pelos cristãos) e como Rahim (pelos judeus). (1974:16).

O fato, no entanto, é que a maioria dos estudiosos concorda que ambas palavras vêm da mesma raiz árabe, mas atribuem a *rahman* um significado mais forte, devido ao fato de que somente é aplicada a Deus (Gimaret, 1995:398) e ele é *rahman* para todos os homens, enquanto é *rahim* somente para os crentes.² Ibn Kathir, concordando com essa linha de pensamento, disse que “*Ar-Rahman* carrega um escopo mais amplo de significados pertencentes à misericórdia de Alá com Sua criação em ambas vidas, enquanto *Ar-Rahim* é exclusivamente para os crentes”.^{3 4} Também é interessante notar que tudo o que é dito no Alcorão sobre Alá também é dito sobre *al-rahman* (Carra de Vaux, 1979:1085). De acordo com o Alcorão, se os crentes “Invocam Alá, ou invocam *Rahman*: por qualquer nome que O invocais, (está bem)...” (17:110).⁵

Os estudiosos traduziram essas duas palavras árabes de diferentes (mas similares) maneiras, tal como “Graciosíssimo, Misericordiosíssimo” (Ali, 1993:14), “o Misericordioso, o Compassivo” (Al-Tabari, 1987:53), “o Misericordioso, o Beneficente”

² Alcorão 33:45 diz: “Ele é Quem vos abençoa, assim como (fazem) Seus anjos, para tirar-vos das trevas e levar-vos para a luz; sabeis que Ele é Misericordioso para com os fiéis”. A palavra árabe que aqui é traduzida como misericórdia é *rahim*.

³ Por questão de precisão e estilo, as longas páginas da web e as referências dos Hadiths serão mostradas nas notas de rodapé.

⁴ <http://www.tafsir.com/default.asp?sid=1&tid=264>

⁵ Todas as referências corânicas ao longo deste trabalho serão mostradas nesse formato. Os números entre parênteses se referem ao capítulo e ao versículo do Alcorão. Os textos do Alcorão em português foram retirados da versão do Centro Cultural Beneficente Árabe Islâmico de Foz do Iguaçu disponível em: https://www.dropbox.com/s/ivmnpff91gb39lt/alcorao_sagrado.pdf?dl=0. No apêndice 4, está o texto completo das passagens corânicas usadas neste trabalho.

(Qutb, 1999 1:1), “o Graciosíssimo, o Misericordiosíssimo” (Ibn Kathir, 2005)⁶, “o Sempre-Misericordioso, o Todo-Misericordioso” (Moucarray, 2004:25), “o provedor de tudo, o misericordiosíssimo” (Amir-Ali, 1974:23) e “o Infinitamente Bom, o Misericordioso” (Al-Ghazali, 1995:1). Mawdudi explica que quando faltam palavras para alguém expressar uma certa verdade, é necessário recorrer ao uso de superlativos a fim de se aproximar do significado verdadeiro, o que pode explicar o uso da palavra *rahim* após *rahman* (1995, 1:36). O termo *Rahma* também tem sido traduzido como gentileza, ternura e benevolência (Gimaret, 1988:377).

Dogan Kutukcu/istockphoto



Al-rahman e al-rahim são palavras árabes usadas no Alcorão para descrever Deus como ‘o misericordioso’. Elas são mencionadas 57 e 115 vezes respectivamente.

O fato de *rahman* e *rahim* terem suas raízes na palavra ‘ventre’, como mencionado anteriormente, sugere que a relação entre Deus e os objetos da sua misericórdia, embora não a mesma, possa ser igualada ao cuidado maternal numa relação mãe-criança (Moucarray, 2004:25), e isso parece ser corroborado pelo bem conhecido Hadith que diz:

Alguns Sabi (i.e., prisioneiros de guerra, crianças e mulheres apenas) foram trazidos perante o Profeta e eis que uma mulher entre eles estava ordenhando seus seios para amamentar e, onde quer que ela encontrasse uma criança

⁶ <http://www.tafsir.com/default.asp?sid=1&tid=264>

entre os cativos, ela a tomava em seu peito e cuidava dela (ela havia perdido sua criança, mas a encontrou mais tarde), e o Profeta nos disse: “Vocês acham que esta senhora pode jogar seu filho no fogo?”. Nós respondemos: “Não, se ela tiver o poder de não o jogar (no fogo)”. O Profeta então disse: “Alá é mais misericordioso com Seus escravos do que esta senhora com seu filho”.⁷

Ao fazer essa comparação, é importante destacar que a relação entre mãe e criança não é uma relação entre iguais. Uma é dependente dos cuidados da outra. De igual forma, isso pode ser dito sobre a natureza da relação entre Deus e a humanidade: embora o homem tenha um lugar especial na criação (64:3; 95:4; 50:16; 2:30), ele foi criado débil (4:28) e, portanto, totalmente dependente das misericórdias de Deus (Moucarry, 1994:31). Deus é o benfeitor, e o homem não pode retribuir.

Isso porque, no islamismo, Deus “não é nem corpo, nem espírito, e Ele não existe em nada como nada existe nele” (Van Gorder, 2003:28). Ele é transcendente, não tem iguais, nem parceiros. Ele é completo em si e subsiste por si mesmo, não tem emoções e não precisa de nada da humanidade, nem mesmo de sua adoração. Ele é “infinito, impessoal e eterno” (ibid). Portanto, de acordo com Ghazali (1995:53), a misericórdia de Deus (diferente da relação de mãe-criança mencionada acima) não é baseada na compaixão, pois compaixão implicaria haver emoção – o que pode indicar a razão de misericórdia ser mencionada com muito mais frequência no Alcorão do que amor (Rahbar, 1960:158). Ao mostrar misericórdia, a pessoa pode, de certa maneira, estar satisfazendo suas próprias necessidades de realização e felicidade. Alá, no entanto, é misericordioso não para “aliviar seu próprio sofrimento”, nem por suas próprias necessidades, mas somente para suprir as necessidades dos sofredores, pois ele é beneficente e generoso (Gimaret, 1995:398). Assim, sua misericórdia é perfeita.

Gardet resume bem o que a misericórdia de Deus passou a significar para os muçulmanos:

O fato é que a raiz RHM veio a conotar, no decorrer dos séculos islâmicos, precisamente o conceito de benfeitoria, de clemência, de misericórdia, e a expressão rahmat Alá, ‘misericórdia de Deus’, se tornaria, nos escritos espirituais, como se fosse uma evocação das misteriosas profundezas da divindade em suas relações com o homem. Daí, desde o início da pregação de Maomé, a afirmação de Deus, Alá, como benfeitor; criador; generoso, transmitindo instrução aos homens por meio de um mensageiro, de quem Ele era, de maneira especial, o Senhor. (1979:406)

⁷ Bukhari, vol. 8, livro 73, nº 28, p. 19.

2.2. Como a misericórdia de Deus é manifestada?

Al-Ghazali diz que Deus mostra sua misericórdia para com o homem criando-o, guiando-o para fé e felicidade, dando-lhe uma vida agradável no além e “concedendo-lhe a contemplação da Sua nobre face” (1995:54). Sua misericórdia é perfeita, porque satisfaz plenamente as necessidades dos necessitados, e inclusiva, porque alcança aquele que merece e aquele que não merece (ibid). Ibn ‘Arabi, outro bem conhecido estudioso muçulmano, afirma que a misericórdia universal de Deus (caracterizada pelo nome *rahman*) é um “presente totalmente gratuito e imerecido” (Moucarry, 2004:234) para todas as pessoas. Por outro lado, sua misericórdia específica (caracterizada pelo nome *rahim*) será concedida somente aos muçulmanos obedientes, e é merecida porque é para aqueles que obedeceram aos mandamentos de Deus (6:54; 7:156). Portanto, com base no que esses dois muçulmanos renomados afirmam, a misericórdia de Deus pode ser dividida em pelo menos duas principais categorias:

- *a misericórdia de Deus para toda a raça humana – misericórdia imerecida ou inclusiva;*
- *a misericórdia mostrada somente aos crentes que são obedientes – misericórdia merecida, específica e discriminativa.*

2.2.1. A misericórdia inclusiva de Deus: mostrada para toda a humanidade por meio de seus favores e bênçãos

Toda a raça humana se beneficia da misericórdia de Deus de várias maneiras. *Rahma* no Alcorão é mostrada como a preocupação de Deus com os homens e mulheres por intermédio de “provisões de meios de sustento e confortos da vida” (Rahbar 1960:158), pois Alá é “agraciador para com os humanos” (10:59-60). Ele criou os animais para o benefício do homem (16:5-8) e “os conduzimos pela terra e pelo mar; agraciamo-los com todo o bem, e preferimos enormemente sobre a maior parte de tudo quanto criamos” (17:68-70); noite e dia foram criados para o proveito do homem como resultado da misericórdia de Deus (28:73). Ele controla a natureza para prover as necessidades dos seres humanos (30:46; 48-50). O Alcorão afirma que “Ele está com Seus servos Bem-conhecidos, Vigilante. Ele é Aquele que manda chuva, (mesmo) depois que (os homens) abandonaram toda esperança, e espalha Sua Misericórdia. E Ele é o Protetor, o Laudabilíssimo” (42:27-28).

Outra maneira pela qual Deus mostra sua misericórdia é enviando homens santos e livros sagrados. Jesus é referido como um “sinal para os homens” (19:20-21) e uma

misericórdia de Deus. De acordo com Ibn Kathir, Deus, na Sura 19:20-21, disse que faria de Jesus “uma misericórdia de Alá e um Profeta dentre os profetas”.⁸ Da mesma forma, Maomé é uma misericórdia para todas as criaturas (21:106-107), um presente de Deus. O Alcorão, assim como a revelação dada por Deus a Moisés (“o Livro de Moisés”), também é retratado como uma demonstração da misericórdia e orientação de Deus (7:52; 7:153; 46:11-12; 28:43) “a fim de que (os israelitas) cressem no comparecimento ante seu Senhor” (6:154-155), isto é, o Dia do Juízo.

2.2.2. A misericórdia específica de Deus

Em contraste com a misericórdia inclusiva de Deus, que é concedida a todo ser humano, sua misericórdia específica é mostrada somente aos crentes que demonstram, por suas ações, que realmente creem em Alá e seguem o profeta Maomé. “Deus deseja o bem a todas as Suas criaturas”, diz Yusuf Ali, “... Suas misericórdias são para todas as Suas criaturas, mas para aqueles que creem e confiam Nele, há misericórdias especiais...” (notas de rodapé 3732 e 3733).⁹ Tal misericórdia se manifesta de diferentes maneiras e pode assumir a forma de paraíso, de uma vida alegre, de libertação no Dia do Juízo, de perdão etc. Isso será visto a seguir.

2.2.2.1 Concedida àqueles cuja conduta é reta

Existem várias passagens no Alcorão nas quais Deus concede sua misericórdia a “profetas e pessoas virtuosas em aflição” (Rahbar, 1960:159): Zacarias (19:1-11), Abraão (11:76), Jó (21:83-84; 38:42), Hud (11:61; 7:70; 26:139-140), Shu’aib (11:97; 26:189-191), Salih (11:69; 26:158-159), Noé (26:119-122), Ló (26:170-175) e Moisés (26:65-68) são todos descritos como receptores da misericórdia de Deus em situações de especial necessidade.

Ao mesmo tempo, aqueles que creem em Deus “invoca[ndo-O] com temor e esperança” em seus corações (7:56) e seguem o “Profeta iletrado [Maomé]” (7:157), obedecendo seus ensinamentos e vivendo uma vida reta (orando regularmente, praticando a caridade, fazendo o bem e evitando o mal — 7:156; 9:71-72), se beneficiarão das suas misericórdias (45:30).

Beneficiar-se de suas misericórdias significa, entre outras coisas, que eles serão

⁸ <http://www.tafsir.com/default.asp?sid=19&tid=31097>

⁹ Devido ao fato de as notas de rodapé da tradução do Alcorão de Yusuf Ali’s terem os mesmos números em qualquer edição, ao citar dessa fonte, serão dados os números do rodapé em vez dos números da página.

libertos dos seus fardos¹⁰ e prosperarão (7:157). Ao comentar essa passagem, Yusuf Ali diz que “em seu sentido geral [prosperidade] significa que a conduta reta é a única porta para a felicidade e o bem-estar. No sentido espiritual, significa que a Fé e seus frutos (conduta reta) são as únicas portas para a salvação” (nota de rodapé 1130). Eles serão retirados por Deus “das profundezas de Trevas para a luz” (33:45-46), serão recebidos no Dia do Juízo com uma saudação de paz e serão premiados com uma “generosa Recompensa” (ibid.). Embora essa recompensa inclua “jardins exóticos servidos por rios fluentes” e “abrigo encantadores em jardins de felicidade eterna” (9:71-72) (i.e., Paraíso, que é referido no Alcorão como “Sua [de Deus] Misericórdia”¹¹) e “tudo nele, como comida, bebida, roupa, habitação, prazer físico, luxos e cenas deliciosas, como nenhum olho viu, nenhum ouvido ouviu e nunca entrou na mente do homem”¹², a verdadeira alegria e maior recompensa será “o bom prazer de Alá”¹³ que é “a suprema felicidade”.¹⁴ Para Ibn Kathir,

*Sua misericórdia para com eles na Vida Futura significa que Ele os salvará do maior terror (do Dia da Ressurreição) e ordenará a Seus anjos que os saúdem com as boas novas do Paraíso e da salvação do Fogo, que será somente por causa do Seu amor por eles e da Sua bondade para com eles.*¹⁵

Como parte dos seus esforços para conduzir suas vidas num caminho reformado, espera-se que os crentes mostrem misericórdia à humanidade. Aqueles que seguem Jesus (por meio de quem o evangelho foi revelado) são caracterizados pela misericórdia e compaixão (57:27); aqueles que seguem Maomé serão misericordiosos e compassivos uns com os outros (48:29). Os filhos deveriam mostrar misericórdia pelos pais (17:24) e casais um pelo outro (30:21).

De acordo com o entendimento de Ghazali (1995:54), os crentes podem compartilhar o fato de que Deus é Infinitamente Bom (*al-rahman*) conduzindo outros para o caminho de Deus, convencendo-os gentilmente a se submeterem completamente a ele. Por outro lado, eles também podem compartilhar sua misericórdia (*al-rahim*) fazendo o máximo para ajudar as pessoas em suas necessidades, não se afastando

¹⁰ A Sura 7:157 diz que Maomé “liberta [aqueles que o seguem] de seus pesados fardos e dos jugos que estão sobre eles”, o que lembra o que Jesus disse sobre si em Mateus 11:29-31: “Tomem sobre vocês o meu jugo. Deixem que eu lhes ensine, pois sou manso e humilde de coração, e encontrarão descanso para a alma. Meu jugo é fácil de carregar, e o fardo que lhes dou é leve”.

¹¹ Alcorão 45:30. Yusuf Ali, comentando essa passagem, diz que o Paraíso é a “realização e satisfação de todas as esperanças e desejos; o alcance do objetivo final da bem-aventurança” (rodapé 4768).

¹² Ibn Kathir, <http://www.tafsir.com/default.asp?sid=33&tid=41828>

¹³ Ibid. Outra tradução diz “aceitação de Alá” (Pickthall, <http://www.sacred-texts.com/isl/pick/009.htm>) e “boa vontade de Deus” (Palmer, <http://www.sacred-texts.com/isl/palm/009.htm>).

¹⁴ Ibn Kathir, <http://www.tafsir.com/default.asp?sid=33&tid=41828>

¹⁵ <http://www.tafsir.com/default.asp?sid=33&tid=41828>

“de nenhum pobre em sua vizinhança ou cidade sem se comprometer com eles e sem livrá-los de sua pobreza ...” (ibid). No Hadith, Maomé é retratado como dizendo que “Alá concede Sua misericórdia somente àqueles dos seus escravos que são misericordiosos (aos outros)”.¹⁶

2.2.2.2. *Concedida àqueles que se esforçam à maneira de Deus*

Jihad é uma palavra que entrou definitivamente no vocabulário internacional. Uma simples pesquisa na internet é suficiente para mostrar a relevância da palavra no mundo de hoje.¹⁷ Ela é uma palavra árabe que, no Ocidente, está associada principalmente ao conceito de luta armada. No entanto, o significado original em árabe e o retrato corânico de *jihad*, embora permitam a possibilidade de ver a luta armada como uma das suas manifestações, é esforçar-se, labutar, trabalhar em excesso, fatigar-se etc., e poderia ser resumida como “lutar e se esforçar ao máximo” (9:20-22). Mesmo escrevendo um livro ou fazendo uma doação para o avanço da obra de Deus, alguém pode estar se enganando na *jihad*.

O Alcorão ensina que “aqueles que creem, sofrem exílio e se esforçam com toda sua força [i.e., praticam a *jihad*] pela causa de Alá, com seus bens e suas pessoas” (9:20-22) e aqueles que “morrem ou forem assassinados pela causa de Deus” (3:157) serão perdoados, receberão as misericórdias de Deus e alcançarão a salvação. Eles desfrutarão jardins com delícias que durarão para sempre e, o mais importante de tudo, serão aceitos por Deus, que lhes dará as mais altas posições (9:20-22). Yusuf Ali, em sua tradução dessa Sura e em seus comentários sobre essa passagem corânica, diz que para essas pessoas especiais haverá uma recompensa especial que, além do que já foi mencionado, inclui a própria presença ou proximidade de Deus” ou “a visão do próprio Deus (nota de rodapé 1271). Para Ibn Kathir, a morte, com tais recompensas, é “melhor do que permanecer nesta vida com seus prazeres de curta duração”.¹⁸

2.2.2.3. *Mostrada por meio do seu perdão e amor*

A palavra árabe *ghafara* é a mais amplamente empregada no Alcorão quando se refere ao perdão de Deus e significa esconder ou cobrir. Os três adjetivos originados dessa palavra são *ghafir*, *ghafur* e *ghaffar*, sendo *ghafur* o mais frequentemente utilizado (91 vezes). Muitas vezes, é usado junto com outro nome divino. Em 72 casos, *ghafur* é usado com *rahim*, que indica que o perdão é uma importante manifestação da

¹⁶ Bukhari, vol. 9, Bk. 93, no. 474, p. 351.

¹⁷ Uma pesquisa feita em www.google.com em 28 de junho de 2005 mostrou mais de 3.400.000 resultados.

¹⁸ <http://www.tafsir.com/default.asp?sid=3&tid=9663>

misericórdia de Deus (Moucarrý, 1994:16). A humanidade estaria perdida se não fosse a misericórdia de Deus manifestada por meio do seu perdão (7:23; 11:47).

*Ghafur-Rahim*¹⁹, de acordo com Razi, é uma combinação de dois termos harmonizadores, indicando duas realidades diferentes: o primeiro infere que a punição merecida não será aplicada, o segundo refere-se à recompensa que será concedida (Moucarrý, 1994:17).

O ensino básico do Alcorão é que Deus é misericordioso, mas os transgressores não se beneficiarão de suas misericórdias porque Deus “atormenta os pecadores” (Rahbar, 1960:165). No entanto, ele faz assim somente com relutância, quando os limites da maldade foram excedidos (Mawdudi 1995, 4:128) e, se há arrependimento, haverá perdão porque ele é “o mais equânime dos indulgentes” (7:155). Isso porque ele determinou que agiria primariamente de acordo com sua misericórdia (6:54), o que o leva a perdoar todos aqueles que se arrependem e mudam seus caminhos. Ibn Kathir afirma que o significado de “Teu Senhor inscreveu para Si mesmo (a regra de) misericórdia”, encontrado na sura anteriormente mencionada, é que Deus “obrigou Seu Mais Honrado Ser a conceder misericórdia, como um favor, a partir de Sua compaixão e beneficência”.²⁰ Deus “se comprometeu a conceder graça e misericórdia [que] fornecem as regras básicas no Seu tratamento com, e julgamento de, seus servos tanto na vida presente quanto na vida por vir” (Qutb 2002, 5:65). Um bem-conhecido Hadith corrobora essa linha de pensamento, pois retrata Maomé dizendo que “Quando Alá criou a Criação. Ele escreveu em Seu Livro... ‘Em verdade, minha misericórdia supera Minha Ira’”.²¹

De fato, Deus está tão disposto a perdoar que “não importa quão pecadora a pessoa tenha se tornado, a misericórdia de Deus a envolve se apenas ela se arrepende e volta para Deus” (Mawdudi 1995, 4:128).²² Pagãos, por exemplo, deveriam ser perseguidos, mas se eles se arrependem (mostrando por meio de orações regulares e atos de caridade que seu arrependimento é genuíno), eles são perdoados, pois Alá é Sempre-Indulgente, Misericordiosíssimo (9:5). Ele é “afetuossíssimo” (11:90), o que o leva a perdoar alegremente “todos os pecados” (39:53)²³ daqueles que pedem por clemência” (23:109) e, conseqüentemente, não punir imediatamente aqueles que persistem

¹⁹ Alguns exemplos onde *Ghafur-Rahim* aparecem são 12:53; 39:54; 2:215; 2:97-98; 9:100; 57:28; 19:52-54; 21:75; 5:98; 6:54; 6:146; 6:165; 7:152; 27:11; 9:91-92; 16:120.

²⁰ <http://www.tafsir.com/default.asp?sid=6&tid=15448>

²¹ Bukhari, vol. 9, Book 93, nº 501, p. 369.

²² Comentando sobre a Sura 11:90.

²³ De acordo com Ibn Kathir (<http://www.tafsir.com/default.asp?sid=39&tid=45426>), mesmo o pecado de *Shirk* (i.e., associar parceiros com Alá, que é considerado o mais grave dos pecados) será perdoado quando houver arrependimento. No entanto, há controvérsias entre estudiosos muçulmanos sobre isso. Para uma boa introdução sobre o assunto, veja o artigo de Gimaret “Shirk” (1997) na *Encyclopaedia of Islam*.

em seus erros (18:58), embora eles tenham de pagar por seus pecados se não houver arrependimento. “Alá está mais satisfeito com o arrependimento dos Seus servos do que a pessoa que encontrou (seu camelo perdido) neste mesmo estado.”²⁴

Por Alá ser “Sempre-Indulgente, Misericordiosíssimo”, ele ama o crente e perdoa aquele que o ama (3:31).²⁵ Seu amor é condicional e abrange apenas aqueles que preenchem certas características, por exemplo, aqueles que

- *são retos e lutam pela causa de Alá (9:4; 2:190; 61:4);*
- *não fazem nada de errado mas, em vez disso, andam em seu caminho (3:140; 5:93);*
- *são bondosos (5:13);*
- *“arrependem-se e cuidam da purificação” (5:13; 2:222; 9:108);*
- *são fiéis e leais quando enfrentam oposição (3:146).*

Assim como sua misericórdia, seu amor para com os crentes não implica sentimentos ou emoções; antes, é completamente destinado a beneficiar aqueles que são os objetos do seu amor (Ghazali, 1995:119).

2.3. Misericórdia, soberania e justiça: ele é um Deus caprichoso?

Essa é uma pergunta importante a se fazer ao estudar sobre a misericórdia de Deus no Alcorão. Existem vários versículos que, quando vistos sem levar em conta toda a passagem ou todo o contexto corânico, poderiam parecer atestar o fato de que Alá é realmente um Deus imprevisível quando concede suas misericórdias. O Alcorão afirma que ele causa a quem ele quer que se desvie e conduza a quem ele deseja para o caminho correto (7:155); visita a quem ele quer com sua punição (7:156); “Ele acolhe em Sua misericórdia quem Lhe apraz” (42:8); e perdoa ou pune a quem Lhe aprouver (3:128-129). Rahman é da opinião que, devido a um mal-entendido de versículos como esses, muitos ocidentais afirmam que

o Deus do Alcorão é um poder sem amor, remoto, caprichoso e até tirânico que arbitrariamente leva algumas pessoas a se extraviarem e outras a obter orientação, cria algumas pessoas para o inferno e outras para o paraíso, sem nenhuma rima ou razão... (1980:15).

Entretanto, ao olhar de perto as passagens mencionadas acima, há vários aspectos que merecem ser destacados. Na Sura 7:155, por exemplo, Moisés é aquele

²⁴ Muslim, vol. 4, ch. 1142, no. 6616, p. 1434.

²⁵ Nessa passagem, o amor a Deus é mostrado por meio de seguir o caminho de Maomé.

que está orando a Deus e, entre outras coisas, ele está afirmando a soberania de Deus ao mencionar que ele pode agir como lhe aprouver. Por outro lado, na mesma oração, Moisés (aparentemente ciente do fato de que a misericórdia de Deus vem antes da sua ira) também está pedindo pelo perdão de Deus, afirmando que ele é “o Melhor daqueles que perdoam”. Esse mesmo versículo pode ser melhor explicado pela Sura 2:26, que diz: “Com isso desvia muitos e encaminha muitos outros. Mas, com isso, só desvia os depravados. Que violam o pacto com Deus, depois de o terem concluído; separam o que Deus tem ordenado manter unido e fazem corrupção na terra. Estes serão desventurados”.²⁶ Portanto, fica claro, ao colocar essas duas passagens juntas, que, apesar do fato de Deus poder realmente fazer o que ele quiser, determinou que agirá de acordo com certos critérios preestabelecidos (ver Sura 6:54).

A mesma conclusão é alcançada observando-se a Sura 7:156. Esse versículo está realmente dizendo que sua soberania o permitiria punir quem quisesse, embora termine dizendo que ele ordenou misericórdia “para aqueles que fazem o certo e praticam caridade regularmente e aqueles que acreditam em Nossos sinais” porque suas misericórdias se estendem a todas as coisas.

A Sura 3:128-129 declara que Alá pune ou perdoa quem quer, mas é importante notar que o versículo 129 termina com uma nota destacada dizendo que Deus é “Sempre-Indulgente, Misericordiosíssimo”. Yusuf Ali, ao comentar essa passagem, afirma que “a ajuda de Deus virá se tivermos fé, obediência, disciplina, unidade e o espírito de agir com retidão e justiça... Seu plano pode trazer pecadores ao arrependimento e nos ensinar retidão e sabedoria por meio daqueles que, aos nossos olhos, parecem rebeldes e mesmo desafiadores” (nota de rodapé 449).

Após um exame completo das passagens relevantes no Alcorão, Rahbar conclui que o Alcorão enfatiza a justiça divina e não a severidade ou incredibilidade (1960:179). Ele não acredita que Alá seja retratado no Alcorão como um “Soberano cujo amor e misericórdia são caprichosos... que está sempre mais inclinado a ser mal-humorado do que a perdoar” (ibid.). Ele não é um Deus ‘caprichoso’. Embora seja soberano, ele também é justo; ele pune cada mal adequadamente, mas é misericordioso com aqueles que seguem seu caminho, a ponto de as boas obras serem recompensadas em porção dobrada ou ainda mais (4:40) porque

Alá, o Exaltado e Glorioso, declarou: “Aquele que vem com bondade, estão reservados para ele dez como esses e ainda mais como esses. ‘E aquele que

²⁶ Palmer, <http://www.sacred-texts.com/isl/palm/002.htm>

vem com vício', é somente por isso que ele é chamado a prestar contas. Eu até o perdoo (como eu gosto), e aquele que se aproxima de Mim a uma palma, eu me aproximo dele a um côvado, e aquele que se aproxima de Mim a um côvado, eu me aproximo dele a um espaço (coberto) por duas mãos, e aquele que anda em direção a Mim, eu corro em direção a ele, e quem Me encontra no estado em que seus pecados enchem a terra, mas não associando nada a Mim, eu o encontraria com a mesma (vastidão) de perdão (em Meu nome)".²⁷

Qutb (que é considerado por muitos como um dos estudiosos muçulmanos influentes do século 20, principalmente devido à sua clara defesa do que hoje é rotulado como Militante Islâmico²⁸), ao comentar sobre a misericórdia de Deus expressa na Sura 7:156, afirma que

é falso supor que a regra geral subjacente ao governo de Deus do seu reino é a da ira que é ocasionalmente temperada com misericórdia e benevolência. Pelo contrário, a regra geral é a da misericórdia e benevolência, e a ira é a exceção que é despertada quando a transgressão e a rebelião do homem excedem todos os limites razoáveis. (2002, 3:85)

Se a conclusão de que Alá não é caprichoso é correta, por que, então, existem pessoas (muçulmanas e não muçulmanas também) cuja primeira definição de Alá seria a de um Deus impiedoso e implacável, que não pode ser responsabilizado por seus atos? Uma das principais razões parece ser o fato de que

o islamismo, desde os primeiros tempos, atribuiu igual reverência ao Hadith, de modo que as seitas e pensadores muçulmanos de todos os tempos não somente confundiram o pensamento corânico com quaisquer ideias que encontraram nos Hadiths acumuladas antes deles, mas, por sua vez, sempre acrescentaram à essa massa de tradições, forjando umas novas para suportar suas próprias interpretações das frases corânicas. (Rahbar, 1960:7)

Assim, “Deus, Juiz soberano, justo e terrível (lix, 23), é também, pelo mesmo símbolo, protetor, beneficente, misericordioso” (Gardet, 1979:409). Ele não colocará sobre nenhuma alma “um fardo maior do que ela pode suportar. [Cada alma] obtém todo bem que merece e sofre todo mal que merece”. Portanto, o crente deve orar “Ó Senhor nosso, não nos condenes, se nos esquecermos ou nos equivocarmos! Ó Senhor nosso, não nos imponhas carga, como a que impuseste a nossos antepassados!

²⁷ Muslim, vol. 4, Book 33, no. 6499, p. 1413.

²⁸ Para os interessados nesse aspecto do islamismo, o livro de Kepel *The Roots of Radical Islam* (2005: 34-68) tem um bom resumo do papel de Qutb em relação às manifestações mais radicais do islamismo.

Ó Senhor nosso, não nos sobrecarregues com o que não podemos suportar! Toleranos! Perdoa-nos! Misericórdia de nós! Tu és nosso Protetor! ...” (2:286).

2.4. Resumindo

As principais palavras usadas no Alcorão para descrever a misericórdia de Deus são *rahman* e *rahim*. Elas já estavam em uso na Arábia pré-islâmica e também eram usadas pelos judeus e cristãos na região. A raiz árabe para *rahman* e *rahim* é a palavra *RHM*, que significa ventre, permitindo uma comparação entre o tratamento de Deus com os humanos e o relacionamento de uma mãe com sua criança. Deus, por causa das suas misericórdias, supre as necessidades dos seres humanos da mesma maneira que uma mãe faz para sua criança. No entanto, devido à sua natureza, sua misericórdia não envolve emoções. Ao ser misericordioso, ele está fazendo isso para o benefício do homem e não para sua própria satisfação.

Existem as misericórdias inclusiva e específica de Deus. A primeira é concedida aos crentes e incrédulos, enquanto a segunda é dirigida de forma exclusiva aos crentes. Para ser objeto da misericórdia de Deus (que vem na forma de recompensas materiais e espirituais), o crente tem de temer Alá e obedecer aos ensinamentos de Maomé, o que significa que ele/ela deve se engajar na conduta reta. Aqueles que morrem na *jihad* também receberão as misericórdias de Deus.

O perdão e o amor são também importantes manifestações da misericórdia de Deus. Sem perdão (que é concedido àqueles que se arrependem sinceramente, corrigindo seus caminhos), o homem está perdido. Da mesma forma, o amor é mostrado apenas àqueles que obedecem aos mandamentos de Deus. Deus não é caprichoso quando concede sua misericórdia. Sua misericórdia supera sua ira e ele atribuiu a si mesmo agir de acordo com ela. Portanto, todo crente que segue Alá e seu profeta e se arrepende dos seus pecados encontrará salvação, ou seja, a vida eterna no paraíso. No entanto, por causa da sua justiça, os malfeitores impenitentes serão punidos. Por causa da misericórdia de Deus, espera-se que os crentes mostrem misericórdia uns para com os outros.

3

A MISERICÓRDIA DE DEUS NA BÍBLIA



COMO NO CASO DE ALÁ no Alcorão, não é possível entender completamente YHWH, o Deus da Bíblia, sem entender sua misericórdia. O estudo da misericórdia de Deus no livro sagrado dos cristãos, entretanto, apresenta um desafio especial. Para ser totalmente compreendido, o conceito precisa ser entendido por meio do estudo de seis diferentes palavras (mais seus cognatos) nas linguagens bíblicas originais. Uma complicação adicional é que tais palavras (três no Antigo e três no Novo Testamento) são traduzidas em uma série de termos ingleses diferentes, como será visto a seguir²⁹.

3.1. Definições

3.1.1. A misericórdia de Deus no Antigo Testamento

Na literatura bíblica, misericórdia significa basicamente “compaixão por alguém em necessidade ou desamparado na aflição, ou endividado e sem apelo por tratamento favorável” (Hoad, 1996, edição eletrônica³⁰). No entanto, as diferentes palavras usadas nas línguas originais contêm importantes nuances que serão estudadas com mais detalhes nas páginas seguintes.

Possivelmente, a passagem mais impressionante na Bíblia sobre a misericórdia de Deus está em Êxodo 34:6-7:

²⁹ A tradução da Bíblia usada nesta obra, salvo indicação em contrário, é a Nova Versão Internacional. A tradução para o inglês das diferentes palavras hebraicas e gregas usadas nesta dissertação foram retiradas de *The NIV Exhaustive Concordance* (E. W. Goodrick e J. R. Kohlenberger III, 1990).

³⁰ Devido ao fato de alguns livros consultados serem em formato eletrônico, eles não possuem número de páginas. Ao longo desta obra, isso será indicado acrescentando-se as palavras “edição eletrônica” após o ano de publicação.

Javé! O Senhor! O Deus de compaixão³¹ e misericórdia!³² Sou lento para me irar e cheio de amor³³ e fidelidade. Cubro de amor mil gerações e perdoo o mal, a rebeldia e o pecado. Contudo, não absolve o culpado; trago as consequências do pecado dos pais sobre os filhos até a terceira e quarta geração.

Essa foi a maneira pela qual YHWH se revelou a Moisés e seu povo escolhido. Deus está descrevendo todo o significado do seu nome e, sem dúvida, misericórdia desempenha um papel muito importante. Essa passagem é tão importante que é repetida em vários outros livros da Bíblia³⁴ e usa as palavras hebraicas (*raham*, *hannun* e *hesed*) para explicar completamente a extensão de sua misericórdia.

Misericórdia é uma qualidade que é parte da natureza de Deus, tanto que o povo de Israel poderia ter certeza que ele “não os abandonaria ou destruiria” nem “esqueceria a aliança” feita com seus antepassados (Dt 4:31)³⁵ mesmo quando eles foram indignos de serem os recipientes de sua misericórdia (Ne 9:17-19). O povo de Israel estava tão convencido da misericórdia de Deus que Davi, por exemplo, embora conhecendo a extensão do desastre que se seguiria, preferiu cair nas mãos de Deus para ser punido pelo seu pecado do que nas mãos dos homens (2Sm 24:14).

Sua misericórdia não deve ser confundida com sentimentos passivos, embora envolva emoção, como será visto adiante. Em vez disso, é uma qualidade de Deus que o induz a agir em favor daqueles com quem ele fez uma aliança de “amor infalível”, que é uma das expressões que a Revised Standard Version usa para traduzir a palavra *hesed*.

Na verdade, *hesed* é, de longe, a palavra mais importante (e, ao mesmo tempo, a mais complexa) no Antigo Testamento quando se estuda sobre a misericórdia de Deus.³⁶ É um termo hebraico que descreve um conceito que não pode ser transmitido simplesmente usando uma palavra inglesa (ou portuguesa) equivalente. “O termo conota, em conjunto, as noções de lealdade pactual, fidelidade, amabilidade, bondade, misericórdia, amor e compaixão” (Younger, 2002:393) e, de certa forma, quase envolve os outros termos hebraicos que serão discutidos a seguir. É no contexto da aliança de Deus com o povo de Israel que a palavra pode ser melhor entendida. Ao

³¹ A palavra hebraica usada aqui é *raham*.

³² Hebraico *hannun*.

³³ Hebraico *hesed*.

³⁴ Ver, por exemplo, Nm 14:18; Ne 9:17; Sl 86:15; 103:8; Jl 2:13 e Jo 4:2.

³⁵ As abreviaturas dos livros da Bíblia usadas nesta obra seguem o formato da Bíblia de Estudos NVI.

³⁶ Essa palavra é encontrada 248 vezes no Antigo Testamento. Na NVI, ela é traduzida como amabilidade, amor infalível, bondade infalível, grande amor, misericórdia, amor, bondade, atos de devoção, favor, devoto, fielmente, glória e benevolência.

entrar numa relação de aliança com Israel no Sinai, Deus estava declarando explicitamente que ele se importaria, e determinou ser leal a eles de uma forma amorosa e fiel, mantendo as promessas da aliança não porque eles fizessem algo para merecê-la, mas porque ele os havia escolhido e amado.

É nesse contexto que se pode afirmar que *hesed* é “expressão da lealdade profunda e permanente e compromisso entre as partes da aliança” (Younger, 2002:394), além de ser baseado no relacionamento. Os estudiosos não concordam totalmente se *hesed* indica ou não a obrigação da aliança. Os exemplos de Rute com Noemi³⁷ e de Deus com o povo de Nínive são apresentados para ilustrar o fato de que há situações em que *hesed* ocorreu sem a existência de uma relação pactual e, portanto, nenhuma obrigação pactual poderia ser invocada para justificar os atos de *hesed* (Stuart, 1988:613). Não obstante, parece que a maioria concordaria que ambos lados da equação têm “obrigações um para com o outro” (Clark, 1993:17) e que *hesed* estabelece como esses envolvidos deveriam se conduzir, isto é, em amor, misericórdia, fidelidade, compaixão etc. Ao mesmo tempo, *hesed* é “o agente por meio do qual Javé perdoará e redimirá o penitente angustiado” (Clark, 1993:18). Isso implica que há um lado mais fraco que está sendo ajudado por um lado mais forte e poderoso (Younger, 2002:394). O lado mais forte tem a opção de não cometer o ato de *hesed*. No entanto, devido ao relacionamento que foi estabelecido através do pacto, ele, de fato, sempre agirá (ibid.) tal como prometido. “É um ato voluntário de extraordinária misericórdia ou generosidade, um ‘ir além’ da chamada do dever” (ibid.).

Outra palavra hebraica importante usada para denotar o conceito de misericórdia no Antigo Testamento é *Raham*, com seus derivativos *Rahamim* and *Rahum*.³⁸ Eles são traduzidos na NVI principalmente como compaixão, amor, misericórdia, piedade, compassivo e misericordioso. Ela deriva da palavra *reheh*, que significa “ventre” (Hoad, 1996, edição eletrônica), “nascido do mesmo ventre” (Turner, 1988:174) ou ainda “sentimento maternal de quem deu à luz” (Williams, 1992:542); assim, seu significado de amor fraternal ou maternal, afeição. Ela indica “o aspecto afetivo do amor” (Hoad, 1996, edição eletrônica) e “era usada para o sentimento profundo e terno de compaixão que era despertado pela dificuldade, fraqueza, sofrimento ou vulnerabilidade do outro que precisava de ajuda” (Garland, 1986:322). Nesse sentido, pode-se dizer que Deus, sendo compassivo, sente o que sentimos. Nossas necessi-

³⁷ Será visto mais tarde que *Hesed* não é uma prerrogativa de Deus, mas também de seres humanos uns aos outros.

³⁸ Essa palavra e seus derivativos são encontrados 100 vezes no Antigo Testamento. Eles são traduzidos como compaixão, compaixões, compassivo, amor, misericórdia, amado, piedade, profundamente comovido, favor, atos amáveis, misericordioso, piedoso, piedade e simpatia.

dades e sofrimentos o tocam. Este é o significado de compassivo, “sofrer com”, diz Moucarrý (2004:33).

Jorisvo/istockphoto



Na Bíblia, a misericórdia de Deus deve ser entendida no contexto de uma relação de aliança com seu povo escolhido.

Finalmente, existe a palavra hebraica *hanan* e o cognato *hannun*.³⁹ Eles são traduzidos principalmente como misericórdia, gracioso, misericordioso e ter piedade. É “o favor gracioso do superior ao inferior, tudo imerecido” (Hoad, 1996, edição eletrônica). É por isso que os salmistas clamavam constantemente a Deus, implorando por alívio da sua aflição, dizendo: “Tem compaixão (*hanan*) de mim e ouve minha oração” (Sl 4:1); “Tem compaixão de mim, Senhor, pois estou fraco; cura-me, Senhor, pois meus ossos agonizam” (Sl 6:2); resgata-me e tem misericórdia de mim” (Sl 26:11).

3.1.2. A misericórdia de Deus no Novo Testamento

O Novo Testamento corrobora basicamente o que o Antigo Testamento diz sobre a misericórdia de Deus, mas com um acréscimo muito importante: é fortemente moldada, ancorada e demonstrada pelo nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus,

³⁹ *Hanan* e sua palavra derivativa *Hannun* são encontradas 91 vezes no Antigo Testamento. Elas são traduzidas como misericórdia, gracioso, misericordioso, gentil, pleitear, implorado, generoso, ter piedade, fazer súplica, pleiteado, encantador, fazer uma bondade, favor, generosidade, graça é mostrada, graciosamente dado, orou, mostra favor e compaixão.

que é retratado como “a expressão suprema de amor, misericórdia e graça” (Towner, 2000, edição eletrônica).

As palavras mais usadas no Novo Testamento grego para comunicar sua misericórdia são os substantivos *eleos*, *oiktirmos*, *splanchnon* e suas palavras cognatas.

*Eleos*⁴⁰ é “a manifestação exterior de piedade” e indica que há um lado mais fraco, o beneficiário dessa manifestação, e o lado mais forte, que tem os recursos para prover as necessidades daquele que é o sujeito de sua misericórdia (Vine, 1984:732). É a palavra mais usada na Septuaginta como tradução do termo hebraico *hesed*. Assim, diz-se que Deus é “rico em misericórdia” (Ef 2:4), e seu *eleos* está dentro do alcance daqueles que o temem (Lc 1:50). De acordo com Vine, “graça descreve a atitude de Deus para com o transgressor da lei e o rebelde; misericórdia é sua atitude para com aqueles que estão em aflição” (1984:733).

*Oiktirmos*⁴¹ tem a conotação de “compaixão pelos males dos outros” (Vine, 1984:733), o que é corroborado pelo fato de que Deus é o “Pai misericordioso e Deus de todo encorajamento” (2Co 1:3). É com base em seu *oiktirmos* que os crentes de Roma são convidados a apresentar seus corpos como sacrifícios vivos a Deus (Rm 12:1).

*Splanchnon*⁴² dá a ideia de sentimentos e afeições. Em sua forma verbal, significa literalmente “ser movido nas entranhas de alguém” (Williams, 1992:542) e seu significado pode ser comparado com o da palavra *Raham* no Antigo Testamento. É nesse sentido que, quando Jesus viu as multidões e foi confrontado com as necessidades humanas e as pessoas desamparadas, “ele teve compaixão (*esplanchnisthei*) delas” (Mt 9:36). Ou seja, “ele estava cheio de ternura” (Marshall, 1975:28) por elas. Em Filipenses 2:1, a palavra é traduzida, junto com *oiktirmoi*, como “ternura e compaixão”. Curiosamente, a Versão Autorizada Inglesa (AV) a traduz como “entranhas e misericórdias”, embora em Lucas 1:78 a mesma palavra (*splanchna*) na AV seja traduzida como “tenra”. As entranhas, para os judeus, tinham o mesmo significado que o coração na linguagem do inglês e do português modernos. Era a sede de “ternos afetos, principalmente bondade e piedade” (Williams, 1992:543). Portanto, outra forma de dizer que Jesus, o Deus encarnado, teve compaixão pelas multidões seria dizer que

⁴⁰ Essa palavra e seus cognatos *Eleeo* e *Eleemon* são encontrados 61 vezes no Novo Testamento. Eles são traduzidos como misericórdia, piedade, misericordioso e terna misericórdia.

⁴¹ Essa palavra e seus derivativos *oiktirmon* e *oiktiro* são encontrados 10 vezes no Novo Testamento e são traduzidos como compaixão, misericórdia e misericordioso.

⁴² *Splanchnizomai* e seu cognato *splanchnon* são encontrados 23 vezes no Novo Testamento. Eles são traduzidos como compaixão, piedade, cheio de compaixão, coração saiu, ter pena, afeição, ternamente, coração, corações, tenra misericórdia, ternura e bem no coração.

“elas partiram seu coração” (Williams, 1992:543). Nas palavras de Barth, significa que “o Deus pessoal tem um coração” (Hoad, 1996, edição eletrônica).

O conceito, como um todo, ainda precisa ser entendido dentro do contexto de relacionamento, aliança e promessas. Quando Maria está grávida e começa a entender todas as implicações desse evento, ela imediatamente o relaciona com o cumprimento das misericórdias de Deus, como prometido no Antigo Testamento (Lc 1:50-54). Zacarias faz o mesmo em Lucas 1:67-79. Pedro diz aos gentios: “Antes vocês não tinham identidade como povo, agora [por causa de Jesus] são povo de Deus. Antes não haviam recebido misericórdia, agora receberam misericórdia de Deus” (1Pe 2:10). Assim, em Jesus, as promessas da aliança de Deus de que ele seria o Deus deles, eles seriam seu povo e saberiam que ele é Deus (Ex 6:1-10) estavam para ser completamente realizadas.

3.2. Como a misericórdia de Deus é manifestada?

Como mencionado acima, a misericórdia de Deus não envolve somente sentimentos e emoções. Em vez disso, ela o leva a agir em favor daqueles com quem ele estabeleceu uma relação de aliança. Os eventos do Êxodo e de Cristo são os dois principais exemplos do que é conhecido como atos de redenção de Deus manifestados ao longo da história. Por causa da sua misericórdia, ele intervém com atos de perdão e salvação.

3.2.1. Perdão

As misericórdias de Deus no Antigo e no Novo Testamento estão intimamente ligadas ao perdão. Por ele ser “abundante em amor (*hesed*) e fidelidade”, ele perdoa “maldade, rebelião e pecado” (Ex 34:6-7; Nm 14:18-19). Apesar do fato de Deus ser santo (Lv 19:2) e a raça humana, pecadora, devido ao seu grande amor (*hesed*), homens e mulheres não são consumidos, pois sua compaixão (*rahamim*) nunca falha e é renovada a cada manhã (Lm 3:22-23).

De acordo com seu amor infalível (*hesed*) e grande compaixão (*rahamim*), ele apaga as transgressões (Sl 51:1); o ímpio e o homem mau, quando se voltarem para Deus, encontrarão o perdão como resultado de sua misericórdia (Is 55:7). Embora seu povo (incluindo reis e princesas) se rebelasse contra ele, “ele é misericordioso e perdoador” (Dn 9:8-9). Ele tem prazer em mostrar misericórdia e, conseqüentemente, perdoa a culpa, esquece os pecados e não permanece irado para sempre (Mq 7:18) com aqueles que confessam e renunciam aos seus caminhos errados (Pv 28:13).

No Novo Testamento, o perdão é apresentado como trazido através de Jesus (Jo 3:16) e também por Jesus: “Ao ver a fé que eles tinham, Jesus disse ao paralítico, ‘Fi-

lho, seus pecados estão perdoados’...” (Mc 2:1-12). À mulher apanhada em adultério, apesar da condenação dos líderes religiosos, Jesus se recusou a condená-la e, para mostrar seu perdão, simplesmente diz a ela para ir e não pecar mais (Jo 8:3-11). Ele se tornou “um sumo sacerdote misericordioso e fiel” para que a “expiação pelos pecados do povo” pudesse ser feita (Hb 2:17).

3.2.2. *Salvação*

Martens afirma que existe um desígnio abrangente de Deus que é demonstrado em toda a Bíblia. Para fundamentar sua afirmação, ele usa uma passagem bíblica bem conhecida (Ex 6:1-8) na qual Deus, ouvindo as aflições dos filhos de Israel (e antes de libertá-los de sua servidão no Egito), está falando a Moisés e promete quatro coisas importantes:

1. *libertação (note que isso é tão importante que Deus expressa de três maneiras diferentes: “Eu te tirarei”, “Eu te libertarei”, “Eu te redimirei”);*
2. *que eles seriam o povo de Deus;*
3. *que eles conheceriam o Senhor;*
4. *que a terra de Canaã seria deles como uma possessão.*

Segundo ele, “esse desígnio é articulado no êxodo, implementado e testado na monarquia, reafirmado no período pós-monárquico e continuou no Novo Testamento” (1994:11).

À medida que a história da redenção de Deus, ao longo do tempo, é apresentada por meio dos diferentes livros da Bíblia, uma coisa se torna muito clara: a salvação (que, da perspectiva bíblica, abrange todos os quatro aspectos mencionados por Martens⁴³), tão enfaticamente prometida por Deus ao povo de Israel, só foi possível por causa de sua misericórdia.

A salvação é explicitada de muitas maneiras e em situações diferentes. Mesmo antes do êxodo, a libertação é mostrada a Noé (Gn 6:1ss), a Abraão e a Ló (Gn 19) em situações em que suas vidas são salvas de catástrofes naturais e circunstâncias perigosas. Durante o êxodo, por compaixão, ele não abandonou o povo no deserto e os guiou dia e noite. Quando eles imploraram pela ajuda de Deus, eles eram libertados e não

⁴³ Entender o êxodo do Egito é fundamental para entender o conceito de salvação na Bíblia. A libertação de Israel do Egito foi espiritual e física, bem como social e econômica. O Novo Testamento mostra que, por meio de Jesus, o que Deus ofereceu a Israel está à disposição de todos aqueles que creem. A terra, que significa para Israel um lugar onde eles poderiam viver em paz e em comunhão com seu Deus, é mostrada no Novo Testamento como algo que o crente começa a experimentar já, mas com uma dimensão escatológica que será plenamente realizada no Paraíso.

eram abandonados nem destruídos (Ne 9:19, 27, 31). Após o êxodo, ele promete que, por causa do seu amor infalível (*hesed*), continuaria a liderá-los (Ex 15:13).

Durante a época dos reis, devido aos pecados do povo, o Senhor os abandonou por “um breve momento”, mas, por causa de sua compaixão, ele jurou que eles seriam resgatados, prometendo que, ainda que os montes se movam “e as colinas desapareçam, [seu] infalível amor (*hesed*) por [seu povo] não seria abalado nem [sua] aliança de paz seria quebrada” (Is 54:10) e eles voltariam para a terra (Jr 42:12).

O livro dos Salmos afirma que, por causa da misericórdia de Deus, ele perdoa todos os pecados, cura, liberta e protege (Sl 40:11; 57:1; 103:4). Ele é como um marido que, embora em profunda raiva por um momento, terá compaixão e chamará de volta sua esposa abandonada (Is 54:4-8). Ainda que a mãe não tenha compaixão (*raham*) e esqueça seu bebê, o mesmo não acontecerá com aqueles que confiam em Deus (Is 49:15).

No Novo Testamento, “começando com o ponto inicial de conversão”, diz Liefeld, “a terminologia da salvação é aplicada a uma completa gama de bênçãos, incluindo perdão, justificação, redenção, santificação e glorificação” (1988:288).

Assim, misericórdia e graça são concedidas aos crentes em tempos de necessidade (Hb 4:16). Jesus (além de ser visto como o libertador, o Messias e o cumprimento das misericórdias de Deus prometidas há muito tempo ao povo de Israel e aos gentios) é também o canal de misericórdia por meio de quem Deus mostrará sua *hesed* ao povo em sofrimento (ou, no caso do Novo Testamento, por meio de *eleos*, *oiktirmos* e *splachnon*). Sua compaixão o leva à ação. Como consequência, a misericórdia é mostrada mediante a cura de muitas pessoas que estão fisicamente enfermas (Lc 17:13; 8:35-38 etc), bem como libertando-as dos espíritos malignos (Mt 4:23-25; Mt 8:15-17; Mc 7:26 etc.); movido pela compaixão, ele alimentou o faminto (Mt 15:32; Mc 8:2) e ressuscitou o morto (Lc 7:13); nele, aqueles que creem são vivificados, apesar dos pecados cometidos (Ef 2:4-5), e recebem “um nascer de novo e uma viva esperança” (1Pe 1:3) que levará para a vida eterna (Jd 21); sua misericórdia transforma até a vida daqueles que, de outra forma, não teriam esperança (1Tm 1:13, 16). Ele salva não por mérito ou justiça, mas por causa de sua misericórdia (Tt 3:5).

3.3. Sendo misericordiosos uns com os outros

A Bíblia mostra que a misericórdia não é uma prerrogativa de Deus. Aqueles que foram objeto de suas misericórdias deveriam ser “canais da misericórdia divina na igreja e no mundo” (Towner, 2000, edição eletrônica). Os profetas do Antigo Testamento, vez após vez anunciaram que era necessário, como resultado da misericórdia de Deus, mos-

trar compaixão uns pelos outros, especialmente para com os órfãos, as viúvas e os estrangeiros (Dt 10:18; 14:29; 16:11; 24:19; Jr 22:3 etc) e também para com os pobres e os aflitos (Sl 146:9; Jo 6:14; Zc 7:9-10). Quem é bom ao pobre “empresta ao Senhor” (Pv 19:17). Em Miquéias 6:8, está claramente declarado que o Senhor exige que seu povo “pratique a justiça e ame a misericórdia”. Deus não está buscando sacrifícios ou ofertas queimadas. Em vez disso, ele deseja ver seu povo mostrando misericórdia (Os 6:6).

Também é importante notar que outro povo podia mostrar misericórdia, não apenas o povo de Israel. Raabe, a prostituta, mostrou misericórdia para com os israelitas que estavam espiando a terra (Js 2:1ss) e Rute, a moabita, por três vezes foi considerada como tendo mostrado *hesed* (traduzida como bondade) para com Noemi (Rt 1:8; 3:10).

No Novo Testamento, o mesmo padrão é visto. Aos misericordiosos será mostrada misericórdia (Mt 5:7) e, da mesma forma que Deus é misericordioso, os crentes deveriam imitá-lo (Lc 6:36). “[A misericórdia do seu povo] provê uma janela pela qual o Deus vivo pode ser vislumbrado”, diz Towner (2000, edição eletrônica). A parábola do Bom Samaritano é um bom exemplo do que é esperado daqueles que o seguem como resposta à sua misericórdia (Lc 10:25-37); e a parábola do servo que recebeu a misericórdia do Rei, mas falhou em mostrar misericórdia para com quem lhe devia uma pequena quantia, é um bom exemplo do que acontece àqueles a quem é mostrada misericórdia, mas não a mostram para com outros (Mt 18:23-35). “Será exercido juízo sem misericórdia sobre quem não foi misericordioso”, diz Tiago (2:13).

O apóstolo Paulo exorta os colossenses a se “vestirem” com “compaixão, bondade, humildade, mansidão e paciência” (Cl 3:12) porque eram o povo escolhido de Deus. Da mesma forma, aqueles com posses materiais que virem um irmão em necessidade e não tiverem piedade não têm o amor de Deus neles (1Jo 3:17). A misericórdia deveria ser mostrada mesmo àqueles que têm dúvidas sobre a fé (Jd 1:21).

3.4. Soberania, justiça e misericórdia de Deus

Pelo que foi visto até aqui, fica claro que o conceito de misericórdia de Deus desempenha um papel muito central na literatura bíblica. É mostrada através das Escrituras e é intrínseca ao caráter de Deus. Há, no entanto, pelo menos um aspecto mais importante em relação a este assunto que precisa ser analisado: as maneiras como Deus interage com sua soberania e justiça.

Do ponto de vista bíblico, o principal problema que a humanidade enfrenta é a rebelião contra seu criador. Se for assim, a conclusão lógica é que a humanidade, sendo pecadora, não pode ter um relacionamento com Deus, que é santo e justo e “não deixa

de punir o culpado; castiga os filhos e os netos pelo pecado de seus pais, até a terceira e a quarta gerações” (Ex 34:7b). Desde o Jardim do Éden, em Gênesis, até a Jerusalém celestial, em Apocalipse, os diferentes relatos mostram como Deus toma a iniciativa de alcançar o homem e se aproxima para que possa haver um relacionamento direto entre ele e o homem. O problema é a separação de Deus; a solução é a reconciliação – e a misericórdia de Deus trabalha para esse fim.

No Antigo Testamento, a Lei foi dada a Moisés e, se o povo amasse e obedecesse aos seus mandamentos e se arrependesse dos seus pecados, eles encontrariam a misericórdia dele (Ex 20:5-6) e seriam perdoados. Ao mesmo tempo, há passagens que afirmam que o Senhor terá misericórdia daqueles que o temem (Sl 103:17; Lc 1:50); aqueles que se arrependem e voltam para ele serão gratuitamente perdoados (Is 55:7).

O Novo Testamento afirma que, visto que todos pecaram e merecem morrer, em Jesus, Deus proveu a solução que permitirá aos homens ter a vida eterna (Rm 3:23; 6:23). Portanto, “em Cristo, a misericórdia de Deus em seu sentido final e pleno foi manifestada” (Williams, 1992:542).

Isso significa, então, que, com base em passagens como essas, uma fórmula poderia ser desenhada sobre como as pessoas encontrariam perdão e receberiam as misericórdias de Deus com base em seus próprios esforços? (Essa fórmula seria composta de arrependimento, obediência, temor a Deus e, ao mesmo tempo, aproximar-se dele como confiança por meio de Jesus, como visto em Hebreus 4:16.) A resposta não parece ser tão direta.

Em Êxodo 33:19, em um dos casos em que Deus estava revelando a Moisés quem ele era, ele claramente declara: “Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia, e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão”. Centenas de anos mais tarde, quando Deus, através do profeta Isaías, estava dizendo a Israel que eles seriam resgatados do exílio, as razões dadas para esse ato de redenção e restauração não foram baseadas no que Israel havia feito, mas no fato de que YHWH os honrou e amou (Is 43:4). Foi graça. O mesmo é visto em Deuteronômio 7:6-9.

No Novo Testamento, em Romanos 9, o apóstolo Paulo levanta esse tema e, após citar Êxodo 33:19, fortemente argumenta que, “portanto, isso não depende do desejo ou do esforço humano, mas da misericórdia de Deus” (v. 16). O pronome “isso”, mencionado na passagem, está se referindo a quê? Moon afirma que

provavelmente, à luz do versículo 15, [está se referindo à] concessão da misericórdia de Deus às pessoas. Receber o favor de Deus não depende de

nada que uma pessoa possa querer ou fazer, mas somente da própria vontade de Deus de mostrar misericórdia. Note que a inclusão de Paulo de 'querer' e 'fazer' apoia nossa conclusão de que ele exclui a fé, assim como as obras, como fontes da eleição. (2000:310)

Em outras palavras, na análise final, a salvação por meio do perdão dos pecados (que é a misericórdia final que alguém pode receber de Deus através da fé em Jesus – Ef 2:4-5; Tt 3:5) depende completamente daquele que é soberano para agir como lhe aprouver.

Isso significa que o Deus da Bíblia é injusto? De jeito nenhum. É importante ter em mente que, porque todos pecaram, todos merecem ser punidos. Portanto, de acordo com essa perspectiva, Deus não pode ser considerado injusto porque, em sua misericórdia, ele escolheu alguns para serem salvos. Como diz Stott: “O que deveria nos surpreender não é que alguns sejam salvos e outros não, mas sim o fato de que alguém seja salvo” (1994:269).

3.5. Resumindo

A misericórdia de Deus na Bíblia é um conceito que, para ser totalmente compreendido, deve ser considerado à luz destes termos: *hesed*, *hanan* e *raham* em hebraico, e *eleos*, *oiktirmos* e *splanchnizomai* em grego. Cada uma dessas palavras nas linguagens bíblicas originais é traduzida de muitas maneiras diferentes nas traduções da Bíblia para o português. Os termos mais usados em português são misericórdia, amor, bondade, amor infalível, bondade infalível, grande amor, misericordioso, compaixão, terna graça e piedade. Misericórdia é uma qualidade que é uma parte inerente do caráter de Deus e é melhor entendida dentro do contexto da aliança que Deus fez com os descendentes de Israel. Ele prometeu mostrar-lhes “amor inabalável” e se esperava que eles obedecessem aos seus mandamentos.

Embora a misericórdia de Deus na Bíblia também inclua emoções, ela é principalmente caracterizada por sua disposição de agir em favor do seu povo. Isso implica que há um lado mais fraco que depende de um lado mais forte que, por sua vez, é completamente capaz de atender as necessidades da parte mais fraca. No Novo Testamento, as misericórdias de Deus refletem muito do entendimento do Antigo Testamento sobre o tema. No entanto, o advento do Messias é uma importante manifestação de sua misericórdia, que ocorreu em um momento específico da história para cumprir plenamente as promessas feitas aos patriarcas. Jesus é o principal exemplo da misericórdia de Deus na Bíblia. Ele curou os enfermos, libertou os oprimidos e deu a vida em favor dos pecadores.

As misericórdias de Deus são manifestadas principalmente no perdão, libertação e salvação (física e espiritual). Espera-se que aqueles que foram alvo das misericórdias de Deus sejam misericordiosos uns com os outros, ajudando aqueles que têm necessidades materiais e espirituais. Deus é justo, misericordioso e soberano. No entanto, devido à sua soberania, ele terá ou não misericórdia de quem desejar.

4

INTERAGINDO ENTRE OS DOIS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS



COM BASE NO QUE FOI visto até agora, este capítulo tenta extrair as principais semelhanças e diferenças entre o conceito de misericórdia de Deus no Alcorão e na Bíblia. Tanto quanto possível, as subdivisões usadas no capítulo anterior serão seguidas. Espera-se que isso facilite a comparação.

4.1. Definições do conceito

O fato de a palavra *rahman* já estar em uso por judeus e cristãos da Península Arábica antes do tempo de Maomé é uma boa indicação de que o estudo do conceito de Deus como o misericordioso no islamismo e no cristianismo apresentaria um número de semelhanças.

Em ambos livros sagrados, o conceito desempenha um papel central, e não é possível compreender totalmente Deus em cada religião sem compreender totalmente o que o Alcorão e a Bíblia ensinam sobre sua misericórdia devido à riqueza e extensão do significado que o islamismo e o cristianismo dão a esse tópico.

Para os seguidores das duas religiões, a misericórdia, conforme apresentada em seus livros sagrados, é percebida como intrínseca à natureza de Deus. Falar sobre Deus é o mesmo que falar sobre o misericordioso. Ele se preocupa com os necessitados e é descrito como olhando para toda a raça humana com disposição altamente favorável. O fato de algumas das palavras usadas nas línguas originais (árabe e hebraico) para descrever a misericórdia de Deus terem as mesmas raízes ajuda a promover as semelhanças. Ambas são línguas semíticas, e *rahman* e *rahim* (em árabe) e *raham* e *hanan* (em hebraico) têm significados similares. Juntamente com seus cognatos, os termos são traduzidos em ambos livros como compassivo, misericórdia, misericordioso, compaixão, ternura, piedade etc.

É particularmente importante notar que tanto *rahman* como *raham* derivam de uma palavra que significa ventre ou ‘nascido do mesmo ventre’, permitindo, dos dois casos, a comparação da misericórdia de Deus com a da mãe para com seu filho. Consequentemente, a palavra misericórdia também tem sido traduzida como gentileza e ternura na tentativa de transmitir o lado mais afetuoso da misericórdia de Deus. Assim como a mãe cuidaria das necessidades do filho que depende dela, está implícito no significado de misericórdia que existe um ser superior que, de boa vontade, suprirá as necessidades daqueles que são objeto de sua misericórdia. Embora seja um Deus transcendente, ele está próximo de sua criação, preocupando-se com o bem-estar material e espiritual dela. Ambas religiões creem que ele é único, infinito, eterno e sustenta todo o universo. Ele está em todo lugar e não é limitado por tempo ou espaço. Ele é “onipresente..., onipotente” (Finlayson, edição eletrônica); “Ele é o Primeiro e o Último; o Externo e o Interno – e Ele tem conhecimento de tudo” (al-Ghazali, citado por Noor al-Deen).⁴⁴

No entanto, há uma diferença importante que tem implicações diretas sobre como a misericórdia de Deus é entendida em cada fé: no islamismo, Deus não tem emoção. Portanto, sua misericórdia não vem à tona porque ele sofre com aqueles que sofrem, mas porque ele quer suprir as necessidades daqueles que sofrem por causa da sua própria bondade e pelo bem do ser humano.

Ser misericordioso não tem relação com satisfazer um desejo interior como, por exemplo, o de ter um relacionamento com sua criação. Assim, se no islamismo Deus não tem emoção, ele não sofre, o que implica que sua misericórdia não é motivada por *rikka* (sensibilidade), nem pela necessidade de aliviar o sofrimento causado pela consciência da necessidade de algum outro, como pode ser o caso dos humanos (Gimaret, 1995:398).

O cristianismo, no entanto, baseado no que a Bíblia afirma, tem uma percepção diferente. Deus está emocionalmente envolvido com sua criação, e toma a iniciativa de preencher a lacuna entre ele e os humanos a fim de desfrutar desse relacionamento. “Os cristãos creem que a misericórdia de Deus é igualmente motivada por sua participação no sofrimento humano”, diz Moucarray (2004:32), e isso pode ser exemplificado pelo que Deus disse a Moisés em Êxodo 3:7: “De fato tenho visto a opressão sobre o meu povo no Egito, e também tenho escutado o seu clamor, por causa dos seus feitos, e sei quanto eles estão sofrendo”.

⁴⁴ <http://www.islamonline.net/english/introducingislam/Belief/Allah/article03.shtml>, postado em 20/04/2004, recuperado em 02/08/2005.

O mesmo ocorre no Novo Testamento. Deus é apresentado como o “Pai das misericórdias e Deus de toda consolação” (2Co 1:3). Jesus, a imagem do Deus invisível (Cl 1:15), estava cheio de ternura e compaixão pela multidão que estava indefesa, vagando como ovelhas sem pastor (Mt 9:36).

Também é importante notar que, embora ambos livros retratem Deus como fazendo alianças com os crentes, a Bíblia enfatiza mais esse aspecto, e a misericórdia deve ser entendida no contexto da aliança. Inicialmente YHWH fez uma aliança com o povo de Israel quando eles foram libertados por ele da opressão do Egito. Eles deveriam ser seu povo e ele, seu Deus, sendo esperado um compromisso fiel dos dois lados participantes do compromisso. No Novo Testamento, por meio de Jesus, o “não povo” se tornou povo de Deus e, por extensão, parte das promessas ligadas à aliança.

4.2. Quem se beneficia da misericórdia de Deus e como ela é manifestada?

Na Bíblia e no Alcorão, ele é misericordioso tanto para com os crentes como para com os não-crentes e, em ambas escrituras, há uma clara diferenciação sobre como ele manifesta sua misericórdia para cada um desses grupos. Ele é o todo-provedor, sem levar em conta quem está ou não entre os fiéis. No Alcorão, homens e mulheres são beneficiários da sua misericórdia, mostrada pela provisão de tudo o que é necessário para sua subsistência, como noite e dia, os animais, chuva etc. A Bíblia compartilha o mesmo pensamento: ele é bom para todos e tem compaixão de toda a sua criação (Sl 145:8, 9). Ele “faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos” (Mt 5:45). A orientação ao longo do caminho correto também é fornecida a todos os seres humanos como resultado da sua misericórdia. Jesus é retratado em ambos livros como relacionado à misericórdia de Deus. No Alcorão, ele é considerado um sinal de Deus (19:20-21), enquanto a Bíblia afirma que ele é o caminho que conduz a Deus (Jo 14:6). No Alcorão, Maomé, em seu papel de profeta, é considerado misericórdia e um presente para toda a raça humana; livros sagrados são apresentados como instrumentos de orientação, e o próprio Alcorão, segundo revelado a Maomé, e a Torá, segundo revelada a Moisés, foram dados por Deus como orientação.

Os crentes são os que, em ambos livros, são apresentados como aqueles que se beneficiarão plenamente das misericórdias no sentido mais amplo da palavra. Além da já mencionada provisão e orientação oferecidas a todos, a eles também será concedido proteção, perdão e salvação. Nos dois livros, essas manifestações da misericórdia de Deus levam ao abrigo e libertação de diferentes tipos de perigo, perdão no Dia do Juízo e vida eterna ressurreta no paraíso ou céu que, nos dois casos, são apresentados

como um lugar onde os crentes viverão em felicidade e paz eternas. Ainda, em ambas religiões, o arrependimento que é *sine-qua-non* para o perdão⁴⁵ é algo que agrada a Deus.

É importante notar, no entanto, que a salvação, como um dos resultados da misericórdia de Deus, na Bíblia é muito mais do que a vida eterna no céu. Seu propósito é tornar o homem e a mulher íntegros, restaurados ao seu estado tal como antes de serem maculados pelo pecado. Os eventos do êxodo e de Cristo são os dois principais exemplos nos quais, de diferentes maneiras, Deus salva seu povo por meio de atos redentores manifestados na história. Quando colocados juntos, eles mostram que o significado bíblico da salvação inclui restauração econômica, social, espiritual e física. É por isso que o evangelho retrata Jesus curando aqueles com enfermidades espirituais e físicas e, ao mesmo tempo, muito preocupado com a situação do pobre, do indefeso e daqueles ostracizados pela sua sociedade. Todos esses são atos de misericórdia de Deus. Assim, a salvação começa na terra e será totalmente realizada no céu.

Não somente o entendimento da salvação é diferente, mas também a base para o perdão e a salvação apresenta diferenças importantes. Para os muçulmanos, o crente será perdoado e lhe será concedida a entrada no paraíso (que também é descrita no Alcorão como misericórdia de Deus) se, além de crer em Deus, ele ou ela seguir Maomé e seus ensinamentos, viver de acordo com os preceitos do Alcorão (que, entre outras coisas, inclui orar regularmente, praticar a caridade, fazer o que é bom e ficar longe do que é mau), arrepender-se e pedir perdão pelos pecados cometidos. Outra forma de se entrar no paraíso é se os crentes “morrem ou forem assassinados pela causa de Deus” (3:157), ou seja, na *jihad*. Se esses aspectos forem observados, os crentes experimentarão a misericórdia de Deus sendo concedida a eles e isso assumirá a forma de libertação dos seus fardos, resgate das trevas para a luz e “o bom prazer de Alá”⁴⁶ que é “a felicidade suprema”.⁴⁷ Portanto, de acordo com o Alcorão, somente aqueles que creem e se comportam de acordo com certos critérios estabelecidos por Deus experimentarão os privilégios da sua misericórdia em toda a sua extensão. É, portanto, misericórdia merecida e condicional.

⁴⁵ Embora o Alcorão seja muito enfático em relação à importância do arrependimento, os teólogos sunitas, com base em uma combinação de passagens do Alcorão e do Hadith, afirmam que Deus, devido à sua soberania, pode perdoar mesmo que não haja arrependimento. Os teólogos Mu'tazili afirmam que o arrependimento é necessário para todos os pecados principais.

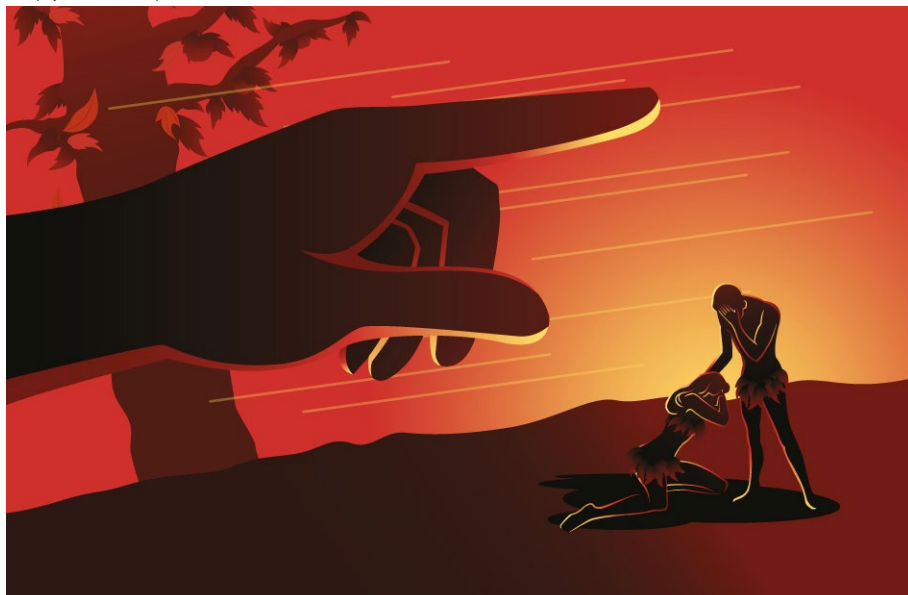
⁴⁶ Ibid. Outras traduções dizem “aceitação de Alá” (Pickthall, em <http://www.sacred-texts.com/isl/pick/009.htm>) e “boa vontade de Deus” (Palmer, em <http://www.sacred-texts.com/isl/palm/009.htm>)

⁴⁷ Ibid.

Na Bíblia, a misericórdia de Deus, mostrada através do perdão e salvação, é baseada na fé em Jesus e em seu sacrifício expiatório na cruz e não em boas ações ou comportamento justo.⁴⁸ É, portanto, completamente imerecida. Como no Alcorão, a Bíblia afirma que será concedido perdão e salvação aos crentes. Eles também experimentarão libertação, serão resgatados das trevas e desfrutarão da vida eterna no céu, na presença de Deus, mas não há nada que os humanos possam fazer para se aproximar de Deus e de suas misericórdias. Ele é quem toma a iniciativa. O preço que devia ser pago já foi pago por Jesus.

No Alcorão, não há preço a ser pago. O pecado não é inerente à natureza humana. Não existe algo como o pecado original, nem a ideia de que homens e mulheres nascem pecadores. A natureza do perdão também é diferente. No Alcorão, os pecados são cobertos (Bakker, 1987:6); na Bíblia, eles são apagados. No Alcorão, a humanidade deve se esforçar para alcançar a salvação; na Bíblia, a salvação é alcançada por Jesus, e o Espírito de Deus, que habita o coração dos crentes, os ajudará a ter uma vida justa. No Alcorão, Deus oferece perdão; na Bíblia, ele oferece perdão, reconciliação com ele, regeneração e um novo coração.

Andry Djumantara/istockphoto



No Alcorão, o pecado não é inerente à natureza humana: não existe algo como o pecado original.

⁴⁸ Na teologia evangélica, espera-se que boas ações e comportamento justo façam parte da vida daqueles que seguem a Jesus, mas não são condições para a salvação.

4.3. Misericórdia de Deus e seu amor

Como visto nos capítulos anteriores, a Bíblia e o Alcorão associam a misericórdia de Deus ao seu amor. No Alcorão, na medida em que Deus é “Sempre-Indulgente, Misericordiosíssimo”, ele ama aqueles que o amam e seguem Maomé (3:31). Ao olhar para a Bíblia, é impossível definir corretamente a misericórdia de Deus sem mencionar o amor de Deus, pois ambos conceitos estão intimamente ligados. Nos dois casos, Deus é mostrado como um Deus que ama aqueles que creem nele e seguem seus mandamentos, sendo esse amor mostrado por intermédio do que ele faz em favor deles.

No entanto, existem algumas diferenças importantes. Para os muçulmanos, devido à sua misericórdia, Alá ama aqueles que fazem o bem (2:195), aqueles que se arrependem, aqueles que são limpos (2:222), os tementes a Deus (3:76), o paciente (3:146), o justo etc. Em outras palavras, seu amor é condicional, dependendo do comportamento da pessoa. O conceito de amor de Deus por toda a raça humana, no entanto, está ausente. “Incondicional Amor Divino pela humanidade”, diz Rahbar, “é uma ideia completamente estranha ao Alcorão” (1960:172). “Assim, no islamismo, o amor de Deus não é expresso diretamente em termos de um relacionamento pessoal; ele é mediado por seus dons. Deus ama seu povo concedendo-lhe suas bênçãos” (Moucarry, 2004:35).

Na Bíblia, porém, o Deus misericordioso não mostra seu amor às pessoas por causa do que elas fizeram. É graça. Possivelmente, a passagem mais clara na Bíblia que expressa essa verdade é encontrada em Deuteronômio 7:6-9, que diz:

Pois vocês são um povo santo para o SENHOR, o seu Deus. O SENHOR, o seu Deus, os escolheu dentre todos os povos da face da terra para ser o seu povo, o seu tesouro pessoal. O SENHOR não se afeiçoou a vocês nem os escolheu por serem mais numerosos do que os outros povos, pois vocês eram o menor de todos os povos. Mas foi porque o SENHOR os amou e por causa do juramento que fez aos seus antepassados. Por isso ele os tirou com mão poderosa e os redimiu da terra da escravidão, do poder do faraó, rei do Egito. Saibam, portanto, que o SENHOR, o seu Deus, é Deus; ele é o Deus fiel, que mantém a aliança e a bondade por mil gerações daqueles que o amam e guardam os seus mandamentos.

Na verdade, para os cristãos, Deus amou tanto a humanidade, mesmo em sua condição pecaminosa (Rm 5:8), que enviou Jesus para morrer em favor do mundo (Jo 3:16; 1Jo 4:9-10). Como afirma Baker,

a extensão e a profundidade do amor de Deus são vistas mais claramente em Jesus – seu nascimento, vida, ministério, paixão e dom do Espírito Santo. O autoesvaziamento do criador para assumir a natureza humana em Belém; o ministério e cuidado de Jesus para com os desprezados, os rejeitados e os negligenciados; suas parábolas do amor e cuidado do Pai; sua deliberada humilhação de si mesmo para suportar a ignomínia, vergonha e agonia de sua morte e paixão carregando os pecados a favor daqueles que o rejeitaram; tudo isso declara em uma só voz o maravilhoso amor de Deus. (Fp 2:5-8; Lc 5:27-32; 7:36-50; 15; 1Pe 2:22-24) (2000, edição eletrônica)

Ele não esperou que as pessoas o amassem. Ele tomou a iniciativa para que os pecadores pudessem ser redimidos e reconciliados com ele. Na pessoa de Jesus, demonstrou seu amor ao se envolver diretamente com o homem e a mulher, não apenas pela mediação de suas bênçãos. A palavra hebraica *hesed*, por exemplo, para transmitir seu significado completo, foi traduzida como amor, amor infalível, bondade infalível, grande amor, benignidade e amor inabalável. É por causa de seu grande amor (*hesed*) que o homem não é consumido (Lm 3:22). Da mesma forma, é por causa do amor infalível ou amor inabalável de Deus (*hesed*) que ele liderará seu povo continuamente (Ex 15:13) e seu amor (*hesed*) durará para sempre (Sl 136). Em nenhum lugar do Alcorão uma palavra é usada para transmitir o significado de misericórdia traduzida como amor.

Outra diferença importante é que, na Bíblia, Deus não apenas ama, mas ele mesmo é amor. É uma característica que é intrínseca à sua natureza. Isso não é assim no Alcorão, onde a misericórdia de Deus é mencionada com muito mais frequência do que seu amor, e não há menção de ele ser amor. De acordo com Rahbar, isso é assim porque o amor implica algum tipo de “igualdade e reciprocidade em um relacionamento”, enquanto a misericórdia implica certa inferioridade daquele que é o objeto de misericórdia (1960:158). De fato, nem mesmo nos 99 nomes de Deus o amor ou amar aparece como uma de suas características.

Portanto, possivelmente poderia se dizer que, na Bíblia, Deus é misericordioso porque ama; no Alcorão, ele ama porque é misericordioso. Isso significa que, na Bíblia, o amor de Deus é de importância primordial e tudo flui de seu amor, enquanto no Alcorão, a misericórdia tem precedência sobre o amor. Se a interpretação de Nettler do conceito de Ibn Arabi sobre a misericórdia de Deus estiver certa, “Sua misericórdia tem a mais alta posição ontológica como doador da existência para todas as coisas, incluindo Sua ira” (1978:224).

4.4. Sendo misericordiosos uns com os outros

Como resultado da misericórdia de Deus, muçulmanos e cristãos são exortados por seus livros sagrados a mostrar misericórdia para com aqueles em necessidade. A Sura 76:5-10 afirma que os justos, “por amor a Ele, alimentam o necessitado, o órfão e o cativo” (v.8), e eles o fazem sem esperar nenhuma retribuição dos homens. Espera-se que os cristãos mostrem compaixão para com aqueles que estão em sofrimento, incluindo o órfão, a viúva e o estrangeiro.

O conceito de ‘emprestar ao Senhor’ ao ajudar os necessitados é encontrado em ambos livros. Aquele que é bondoso com os pobres, diz a Bíblia, “empresta ao Senhor” (Pv 19:17). A Sura 73:20 exorta os crentes: “Recitai, oferecei espontaneamente a Deus. E todo o bem que fizerdes será em favor às vossas almas; achareis a recompensa em Deus”.

Outra semelhança entre as duas fés é o conceito de que aqueles que não são misericordiosos enfrentarão punição quando julgados por Deus. O livro de Tiago afirma que será exercido juízo sem misericórdia sobre quem não foi misericordioso (2:13), enquanto a Sura 2:254 insta os crentes a “fazer caridade com aquilo com que vos agradecemos, antes que chegue o dia em que não haverá barganha, amizade, nem intercessão. Sabei que os incrédulos são iníquos”. Da mesma forma, os muçulmanos são encorajados da seguinte forma:

Ó fiéis, que os vossos bens e os vossos filhos não vos alheiem da recordação de Deus, porque aqueles que tal fizerem, serão desventurados. Fazei caridade de tudo com que vos agradecemos, antes que a morte surpreenda qualquer um de vós, e este diga: Ó Senhor meu, porque não me toleras até um término próximo, para que eu possa fazer caridade e ser um dos virtuosos? Porém, Deus jamais adiará a hora de qualquer alma, quando ela chegar, porque Deus está bem inteirado de tudo quanto fazeis. (63:9-11)

Possivelmente, a principal diferença entre o conceito de mostrar misericórdia a outros no islamismo e no cristianismo é o fato de que os cristãos, ao contrário dos muçulmanos, são instados a serem misericordiosos tendo o próprio Deus como exemplo de misericórdia (Lc 6:36), o que coloca uma alta expectativa sobre os cristãos.

4.5. Soberania, justiça e misericórdia de Deus

Existem diferentes passagens na Bíblia e no Alcorão que, dependendo de como são interpretadas, podem dar lugar a conclusões totalmente opostas sobre como a

soberania, justiça e misericórdia de Deus interagem. No Alcorão, por exemplo, Deus faz com que quem ele quiser tome o caminho errado (7:155), ele pune a quem desejar (7:156), ele mostrará seu favor somente àqueles que ele escolher para mostrar sua misericórdia (42:8) e o perdão é concedido como lhe aprouver (3:128-129).

Isso também ocorre na Bíblia. Em Êxodo 33:19, Deus diz: “Terei misericórdia de quem eu quiser ter misericórdia, e terei compaixão de quem eu quiser ter compaixão”. Em Romanos 9:16, o apóstolo Paulo afirma que ter o favor de Deus não “depende do desejo ou do esforço humano, mas da misericórdia de Deus”. O que essas passagens parecem comunicar é bastante similar ao que é encontrado nas passagens corânicas mencionadas acima.

Assim, a partir do que essas passagens mostram, a conclusão poderia ser que, na Bíblia e no Alcorão, a soberania de Deus prevalece sobre sua justiça e misericórdia. É realmente assim? Na realidade, tudo depende de qual chave hermenêutica é usada.

Como já observado nos capítulos anteriores, cristãos e muçulmanos têm evidências suficientes em seus livros sagrados para capacitá-los a tirar conclusão de que essas passagens devem ser equilibradas com outras passagens que demonstram os atributos de Deus antes de se chegar a uma conclusão final. No Alcorão, Deus é mostrado da seguinte forma: “Seu Senhor inscreveu para Si mesmo (a regra de) misericórdia”. Isso significa que ele determinou permitir que sua misericórdia prevaleça, e, devido à sua misericórdia, perdoará aqueles que se arrependem sinceramente e corrigem sua conduta (6:54). A Bíblia diz que “O SENHOR é misericordioso e compassivo, paciente e transbordante de amor” (Sl 145:8), é abundante em misericórdia, “mantém o seu amor a milhares e perdoa a maldade, a rebelião e o pecado” (Ex 34:6-7). Esses são fortes indicadores de que, de fato, de acordo com a Bíblia e o Alcorão, devido à sua misericórdia, sua justiça será satisfeita, porque em sua soberania ele decidiu fazer assim.

É aqui, porém, que os teólogos, tanto cristãos como muçulmanos, não concordam entre si.

A tentativa de alcançar o equilíbrio certo entre misericórdia, soberania e justiça de Deus é uma questão que tem dividido os teólogos muçulmanos em dois grupos: os sunitas, que acreditam que a ênfase deveria ser na soberania de Deus, e os Mu'tazili, que são da opinião de que a ênfase deveria ser na justiça de Deus. Se ele é soberano, dizem os teólogos sunitas, “Deus tem o direito de perdoar ou punir como escolher” (Moucarry, 2004: 46); mas, para os Mu'tazili, cada pessoa deveria receber o que ele ou ela merece. Deus “recompensará a fé e a obediência” e penalizará o pecado (ibid); assim, a ênfase é colocada na justiça. Em ambas posições, parece haver pouco espaço para misericórdia.

No entanto, a posição Mu`tazili parece estar mais de acordo com o que foi descrito no capítulo 2, i.e., no Alcorão, Deus não é um Deus caprichoso. Sua justiça e misericórdia podem estar em total concordância com sua soberania pelo fato de que quem se arrepender das suas más obras e pedir perdão, por ele ser um Deus misericordioso, será recompensado. Em sua soberania, ele decidiu agir de acordo com sua misericórdia e, por ser justo, ele não punirá os que andam em seus caminhos e fazem o bem, mas apenas os malfeitores que não se arrependem.

A posição sunita é aparentemente mais difícil de conciliar com a visão corânica que tem sido mostrada até aqui devido ao fato de que, por causa da sua soberania, Deus “tem o direito e o poder tanto para perdoar como condenar qualquer pessoa independentemente de seus atos” (Moucarry, 2004: 56). Talvez essa seja uma das razões para acreditarem que, exatamente por causa da sua soberania, ele decidiu que muçulmanos, se condenados, irão para o paraíso depois de pagar por seus pecados no inferno.⁴⁹

A mesma tensão ocorre dentro dos círculos cristãos. Por um lado, há o Calvinismo defendendo a visão de que Deus (como visto no capítulo 3), em sua soberania, de fato terá misericórdia de quem desejar, salvando aqueles a quem escolher para serem salvos. Por outro lado, existe o Arminianismo, que basicamente assume a posição de que

a eleição é subsequente à graça. Deus decreta salvar todos que se arrependem, creem e perseveram. A eleição é condicionada à resposta do homem, dependente da presciência de Deus quanto à sua fé e perseverança. A possibilidade de um verdadeiro crente cair da graça total ou definitivamente não é negada. Consequentemente, não poderia haver garantia da salvação final. Além disso, Deus dá graça suficiente para que o homem possa crer em Cristo se desejar. Sua vontade é livre. Ele pode crer ou pode resistir à graça de Deus. (Letham, 2000, edição eletrônica).

Portanto, de acordo com essa visão, Deus não escolhe alguns para serem salvos e permite que outros pereçam. Em vez disso, ele conhece com antecedência aqueles que crerão. Ele não deseja que ninguém pereça (2Pe 3:9); ele quer que todos os homens sejam salvos (1Tm 2:4), e isso é possível através de Jesus, que é a propiciação dos pecados do mundo inteiro (1Jo 2:2). Dessa forma, a misericórdia de Deus, mostrada através do perdão, está disponível para todos aqueles que se arrependerem dos seus pecados e colocarem sua fé em Jesus.

⁴⁹ Essa crença é baseada em um Hadith registrado por Bukhari, vol. 1, Book 2, ch. 34, no. 42.

A posição calvinista, em que uma maior ênfase é colocada na soberania de Deus, não se encaixa facilmente no estado de espírito ocidental moderno. Entretanto, parece fazer mais justiça às evidências bíblicas. Deus é justo e o pecado será punido. Ao mesmo tempo, ele é soberano e, em sua soberania, opta por mostrar sua misericórdia por meios que podem ser facilmente entendidos. “Essa antinomia contém um mistério que nosso conhecimento atual não pode resolver”, diz Stott, “mas é consistente com as Escrituras e a experiência” (1994: 270).

Assim, ambas Escrituras afirmam que Deus é soberano, misericordioso e justo. Em ambas Escrituras, haverá aqueles que serão salvos e aqueles que serão perdidos, de acordo com o que Deus determinou. Da mesma forma, o perdão é prometido aos seguidores de ambas religiões que se arrependem e corrigem seus caminhos. Em ambas Escrituras, a justiça terá lugar, mas equilibrada com sua misericórdia, porque, em sua misericórdia, Deus decidiu fazer assim.

Há, no entanto, uma diferença principal: ao contrário do que ocorre no islamismo, a justiça de Deus, no cristianismo, não é satisfeita pelo arrependimento e bom comportamento por parte do crente. Como mencionado anteriormente, de acordo com a Bíblia, todos pecaram e merecem, como punição, morrer. A humanidade não pode se reconciliar com Deus se seus pecados não forem limpos, e isso não é possível por meio dos próprios esforços do homem e da mulher. Portanto, Jesus sofreu e morreu para pagar a pena devido à rebelião da humanidade, fazendo expiação pelo pecado. A justiça de Deus foi cumprida. Em sua misericórdia, ele proveu a solução. Aqueles que serão soberanamente salvos o serão porque Jesus pagou o preço.

Logo, em relação à questão da misericórdia de Deus, pode-se dizer que os elementos mais básicos (básicos no sentido de fornecerem os fundamentos e não de serem menos importantes ou simplistas) são similares em ambos livros, mas a Bíblia vai além, apresentando um Deus que, por causa da misericórdia, está mais próximo de suas criaturas, ama incondicionalmente e toma a iniciativa de providenciar os meios para a salvação, em vez de depender dos esforços humanos.

5

CONCLUSÃO



O PRINCIPAL OBJETIVO DESTES TEXTOS foi mostrar as semelhanças e diferenças entre a misericórdia de Deus na Bíblia e no Alcorão, esperando que as semelhanças possam ser um ponto de partida útil, o que permitiria que as diferenças fossem comunicadas de maneira mais positiva e construtiva. Em outras palavras, que pontes de paz e confiança sejam erguidas.⁵⁰

Um entendimento mais profundo da outra fé (no caso do islamismo, uma fé que está tendo um forte impacto no mundo de hoje) é, em si, um importante desenvolvimento missiológico que pode promover possibilidades para um frutífero diálogo inter-religioso. Se a consciência das semelhanças entre a misericórdia de Deus na Bíblia e no Alcorão puder ajudar, em um nível pessoal, aqueles que buscam sinceramente comunicar a fé cristã aos muçulmanos em uma maneira mais informada e respeitosa, este artigo terá mais do que realizado seu objetivo.

Um dos principais problemas, porém, é que a palavra “diálogo” é aquela que, entre cristãos, às vezes causa reações diferentes e intrigantes. Isso se deve às diferentes definições que as pessoas tendem a dar à palavra. Aqueles de uma persuasão cristã mais tradicional tendem a acreditar que evangelismo, e não diálogo, deveria ser a única palavra usada porque, ao seu ver, diálogo pode levar a comprometer alguns dos princípios centrais da fé de alguém. No entanto, não precisa ser assim. No diálogo, não há necessidade de negar ou evitar o fato de que cristãos creem que Jesus é o Filho

⁵⁰ O conceito de ‘construir pontes’ em estudos missiológicos não é uma novidade e está intimamente relacionado à contextualização. Phil Parshall, em seu livro *New Paths in Muslim Evangelism* (1980) sugere uma série de “pontes teológicas para a Salvação” (p. 127), mas não sem enfatizar, desde o início, que uma ponte, se não construída levando em consideração diferentes fatores (tais como estudo do terreno, escolha de material correto e cuidadosa estimativa de custos envolvidos) “pode ser um exercício de futilidade – ou, pior ainda, um desastre total” (ibid.). Ele usa essa analogia para afirmar que “atenção e energia inadequadas foram dedicadas para construir pontes de *salam* [paz]” (ibid.) com os muçulmanos. Se as pontes de paz forem cuidadosamente construídas, o diálogo muçulmano-cristão acontecerá de maneira muito mais produtiva.

de Deus, que ele é Deus, que ele é o salvador que morreu pelos pecados da humanidade, ressuscitou, ascendeu ao céu e que ele retornará. No entanto, sabendo que alguns desses aspectos são sensíveis aos muçulmanos, não há razão para começar com essas questões difíceis quando existem pontes que levarão a um melhor entendimento e também construirão a confiança entre os interlocutores.⁵¹

Portanto o diálogo, da maneira como é proposto aqui, significa falar com os muçulmanos de forma não depreciativa. Ele não deve ser realizado com uma série de ideias preconcebidas e errôneas que quase certamente levarão a uma falta de confiança entre os envolvidos; em vez disso, dará a oportunidade de compartilhar a fé de alguém em sua expressão mais plena, com uma mente aberta para aprender e de uma maneira que possa ser claramente entendida pelos muçulmanos.

5.1. Principais implicações missiológicas

Tendo esses aspectos em mente e olhando para as semelhanças e diferenças⁵², mesmo o leitor casual perceberia prontamente que a lista de semelhanças é muito mais significativa. Isso não significa que as diferenças sejam poucas, ou não importantes. Na verdade, elas representam algumas das principais diferenças entre islamismo e cristianismo. Ainda assim, isso não impede que, quando em diálogo, crentes de ambas religiões possam facilmente encontrar uma série de fundamentos comuns que os levem a um melhor entendimento das respectivas crenças.

Em ambos livros:

- *A misericórdia é apresentada como sendo intrínseca à natureza de Deus.*
- *Ele é misericordioso para com toda a raça humana, e expressa sua misericórdia de maneira especial para os crentes.*
- *Por causa da sua misericórdia, ele oferece orientação para o caminho correto, resgata crentes das trevas, protege e livra de situações perigosas.*

⁵¹ Na opinião de Moucarray, diálogo e missão não deveriam ser vistos como dois conceitos opostos, mas mutuamente complementares: “Missão realizada sem abordagem dialógica é irrelevante, paternalista e talvez prejudicial; diálogo sem perspectiva missionária é um exercício acadêmico, passível de ser superficial e complacente... [Por meio do diálogo missionário,] as pessoas aprendem a conciliar coisas que estão com frequência dissociadas: fé com humildade, verdade com amor, religião com liberdade, crença em vida após a morte com compromisso com a vida antes da morte”. (2001:20). “Assim”, continua Moucarray, “diálogo entre cristãos e muçulmanos é um negócio sério... O politicamente correto, a ignorância ou o relativismo teológico podem levar a um acordo superficial entre nós. Um debate de confronto, por outro lado, pode correr o risco de provocar antagonismo, o que dificultaria a busca da verdade. Somente o amor, demonstrado em relacionamentos genuinamente pacíficos, pode criar as condições necessárias para a verdade emergir e a compreensão mútua se desenvolver” (ibid. p. 21).

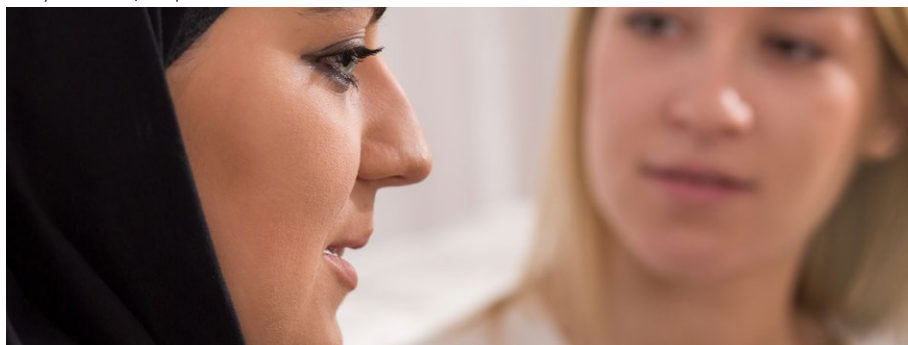
⁵² Para evitar repetição desnecessária nesta seção, uma tabela foi desenhada com um resumo mais detalhado no Apêndice 1.

- *Ele oferece perdão e salvação, que levará para uma vida eterna ressurreta, na qual paz e felicidade serão uma realidade constante.*
- *Ele ama os crentes, e os exorta a praticar atos de misericórdia para com os outros; se eles não forem misericordiosos, sofrerão as consequências no Dia do Juízo.*
- *Ele não é um Deus caprichoso, mas age segundo sua vontade soberana, que o leva a ser justo e misericordioso ao mesmo tempo.*

Por qualquer medida, isso não pode ser considerado um mau começo para o diálogo cristão-muçulmano. De fato, alguns dos principais aspectos do entendimento cristão sobre a misericórdia de Deus podiam ser apresentados valendo-se de uma série de versos corânicos usados nesta obra, como “A Alá pertence tudo que está nos céus e na terra. Ele perdoa a quem Lhe agrada e pune a quem Lhe agrada; mas Alá é Sempre-Indulgente, Misericordiosíssimo” (3:128-129); “Deus não frustrará ninguém, nem mesmo no equivalente ao peso de um átomo; por outra, multiplicará toda a boa ação e concederá, de Sua parte, uma magnífica recompensa” (4:40).

Uma vez estabelecido o fundamento comum e construída a confiança (sobre a base de uma atitude verdadeiramente humilde e de aprendizagem), as diferenças relativas aos meios e significados de perdão e salvação, e também de como a justiça de Deus é satisfeita segundo os dois livros, podem ser apresentadas. Neste ponto, o amigo muçulmano pode não estar disposto a aceitar o ponto de vista bíblico, mas ele possivelmente ouvirá com uma atitude mais favorável. De especial importância pode ser o fato de a Bíblia ensinar que a misericórdia de Deus é mostrada de uma maneira mais pessoal, por meio do seu envolvimento direto com a humanidade ao longo da história e, especificamente, pelo advento de Jesus. Salvação e vida eterna, embora retratadas no Alcorão e na Bíblia como resultados da misericórdia, são concedidas segundo diferentes fatores.

KatarzynaBialasiewicz/istockphoto



Quando em diálogo, crentes de ambas religiões encontram facilmente uma série de fundamentos comuns.

Implícito nesta abordagem está o fato de que aqueles cristãos que decidem seguir esta linha de ação terão de deixar de lado (se já não o fizeram) a percepção comum de que Alá é um Deus vingativo e imprevisível, enquanto, na Bíblia, Deus é apenas apresentado como misericordioso e cheio de amor. É verdade que existem passagens corânicas que podem dar a ideia de um Deus feroz, mas isso é assim na Bíblia também. Em Deuteronômio 7:2, por exemplo, Deus dá um mandamento claro em relação às nações conquistadas por Israel: “E quando o Senhor seu Deus as tiver entregue a vocês, e vocês as tiverem derrotado, então vocês as destruirão totalmente. Não façam com elas tratado algum, e não tenham piedade delas”. Isso significa que o Deus da Bíblia não é misericordioso? Como foi mostrado, não é esse o caso.

Ao mesmo tempo, é importante para os cristãos aceitarem que ambos livros apresentam desafios quando se tenta reconciliar sua misericórdia, justiça e soberania. Há fortes evidências para mostrar que o retrato corânico de Deus é o de um Deus misericordioso que é justo e soberano, não o de um Deus soberano que age de maneira totalmente arbitrária. No entanto, como na Bíblia, dependendo de como o processo hermenêutico é realizado, pode-se argumentar com uma linha diferente. É preciso cuidado, então, ao julgar como Deus é retratado no Alcorão.

Se os cristãos reconhecerem que mostrar misericórdia não é uma característica exclusiva dos cristãos, e aceitarem que a misericórdia genuína pode ser mostrada por aqueles de outras religiões (como os exemplos de Rute e Raabe, no Antigo Testamento, ou do Bom Samaritano, no Novo), o fato de que tanto a Bíblia quanto o Alcorão exortam os crentes a mostrar misericórdia àqueles em pobreza, àqueles com necessidade de proteção e àqueles que são socialmente ostracizados poderia ter importantes implicações. Muçulmanos e cristãos poderiam não somente ser envolvidos em projetos sociais, mas poderiam fazê-los juntos, mostrando na prática o que seus respectivos livros proclamam. Se houvesse uma atitude de maior entendimento entre líderes cristãos e muçulmanos, seguidores de ambas religiões poderiam gerar um impacto significativo na solução de algumas das principais injustiças sociais do mundo sem ter de comprometer sua fé.

Os cristãos também poderiam aprender com outro aspecto relacionado à misericórdia de Deus: *jihad*. É claro que não há nenhuma doutrina bíblica que justificaria um cristão sacrificar a própria vida e, ao mesmo tempo, matar outros para cumprir certo objetivo religioso ou político. No entanto, muçulmanos que realizam essas ações, o fazem principalmente por crerem que, ao dar sua vida pela causa de Deus, garantem que sua misericórdia, em forma de paraíso, será concedida. Nós, cristãos, não podemos considerar que eles estejam certos, mas eles o fazem crendo que agradarão

a Deus e alcançarão a salvação. Cristãos, cujo exemplo mais elevado é encontrado em Jesus, que sacrificou sua vida não para matar, mas para salvar os outros, também deveriam estar dispostos a “lutar e se esforçar ao máximo” (9:20-22), mesmo que isso signifique entregar suas vidas pelo bem dos outros.

Muçulmanos também podem achar útil refletir sobre a misericórdia de Deus tal como apresentada no Alcorão. Se a misericórdia de Deus, em seu livro sagrado, é tão importante e os crentes são exortados a ser misericordiosos, questões deveriam ser feitas. Por que a pena capital ainda é realizada em diferentes países muçulmanos? Por que Alá é visto por muitos não-muçulmanos como um Deus vingativo? Ao mesmo tempo, os muçulmanos radicais devem se perguntar se há lugar para o terrorismo e a matança de pessoas inocentes quando seu “Senhor é Indulgente, Misericordiosíssimo” (18:58).

5.2. Possíveis áreas de futura pesquisa

É importante ter realizado um estudo comparativo da misericórdia de Deus no Alcorão e na Bíblia a fim de se ter uma ideia clara do que esses dois livros, que são considerados por cristãos e muçulmanos como revelação de Deus a eles, têm a dizer sobre esse importante tema. No entanto, também seria útil fazer um estudo comparativo mais amplo da misericórdia de Deus no islamismo e no cristianismo, algo que incluísse os desenvolvimentos teológicos do conceito em ambas religiões, envolvendo uma análise mais completa do que as coleções dos Hadiths têm a dizer sobre o assunto. Ao mesmo tempo, certamente seria muito interessante ter o mesmo estudo comparativo escrito por um muçulmano; não há dúvida de que muitos outros aspectos importantes viriam à luz.

APÊNDICE 1



A MISERICÓRDIA DE DEUS NO Alcorão e na Bíblia: semelhanças e diferenças em um relance

Semelhanças

Definições do conceito
1. A misericórdia de Deus desempenha um papel central em ambos livros.
2. Misericórdia é intrínseca à natureza de Deus.
3. Ele é misericordioso com toda a raça humana.
4. <i>Rahman</i> e <i>Rahim</i> (em árabe) e <i>Raham</i> e <i>Hanan</i> (em hebraico) têm os mesmos significados.
5. O fato de <i>Rahman</i> e <i>Raham</i> virem da mesma raiz significando “ventre” ou “nascido do mesmo ventre” indica que a misericórdia de Deus pode ser comparada ao cuidado que uma mãe demonstra para com seu filho.
6. Em ambos livros, Deus é retratado como o misericordioso que é compassivo e tem piedade dos necessitados.
Quem se beneficia da misericórdia de Deus e como ela se manifesta?
7. Ele é misericordioso para com os crentes e incrédulos.
8. A manifestação das misericórdias de Deus é diferente para crentes e incrédulos.
9. Ele é o provedor de tudo para crentes e incrédulos.
10. Ele oferece orientação para o caminho correto.
11. Crentes serão resgatados das trevas.
12. Devido à sua misericórdia, os crentes têm proteção, encontrando abrigo e libertação das situações perigosas.
13. Perdão será concedido no Dia do Juízo como resultado de sua misericórdia.
14. Aqueles que são perdoados desfrutarão de uma vida ressurreta.
15. A vida eterna no céu ou paraíso é caracterizada por felicidade e paz.
A misericórdia de Deus e seu amor
16. Deus ama os crentes.
17. O amor de Deus é mostrado por meio do que ele faz em favor deles.
Sendo misericordiosos uns para com os outros
18. Ambos livros exortam o crente a ser misericordioso para com os outros, como resultado de sua misericórdia.

19. Ambos livros dão ênfase especial à ajuda aos pobres e aos desprezados ou oprimidos pela sociedade.
20. O conceito de “emprestar a Deus” é encontrado em ambos livros para quando o crente mostra misericórdia aos outros.
21. Aqueles que não forem misericordiosos responderão de acordo no Dia do Juízo.
Soberania, justiça e misericórdia de Deus
22. Deus é soberano e terá misericórdia de quem quiser.
23. Ambos livros apresentam a sua misericórdia como intimamente ligada à sua justiça.
24. Ele não é um Deus caprichoso.
25. Ele é ao mesmo tempo soberano, justo e misericordioso.

Diferenças

Definições do conceito
1. A maneira como os crentes de cada religião definem o significado da transcendência de Deus afeta sua compreensão da misericórdia de Deus.
2. No islamismo, Deus não tem emoção. Portanto, ao ser misericordioso, ele não sofre com os que sofrem e não se envolve pessoalmente com a humanidade, como faz na Bíblia.
3. Na Bíblia, a misericórdia de Deus deve ser entendida no contexto de uma relação de aliança com seu povo escolhido.
Quem se beneficia da misericórdia de Deus e como ela se manifesta?
4. Salvação, que é uma importante manifestação das misericórdias de Deus em ambos livros, embora resulte em vida eterna na Bíblia e no Alcorão, é baseada em diferentes fundamentos em cada livro.
5. Ao contrário do Alcorão, a visão bíblica da salvação tem duas dimensões: o já (presente) e o ainda não (escatológica).
6. De acordo com o Alcorão, os muçulmanos herdarão o paraíso por causa de seu comportamento correto; os cristãos, de acordo com a Bíblia, irão para o céu por causa do castigo pago por Jesus na cruz. É graça e inclui reconciliação com Deus e regeneração.
7. Cura física e libertação de espíritos malignos são importantes manifestações da misericórdia de Deus na Bíblia, o que não é assim no Alcorão.
8. Na Bíblia, diz-se que Deus tem misericórdia como um pai ou como um marido que recebe de volta a esposa que ele despediu.
A misericórdia de Deus e seu amor
9. O amor de Deus no Alcorão é condicional. Ele ama somente aqueles que agem de acordo com certos critérios preestabelecidos. Na Bíblia, Deus também ama os benfeitores, mas vai além: Deus ama toda a raça humana.
10. Por causa do seu amor, na Bíblia, Deus é mostrado como tomando a iniciativa de fazer ponte sobre a divisão entre ele e a humanidade.

11. Na Bíblia, a palavra *hesed*, que é uma das palavras usadas em hebraico para transmitir a ideia de misericórdia, está intimamente ligada ao amor eterno e inabalável. O mesmo não ocorre no Alcorão.

12. No Alcorão, o amor de Deus é mostrado somente por meio da mediação de seus dons, enquanto a Bíblia vai além: ele também mostra seu amor ao se envolver pessoalmente com sua criação.

13. Na Bíblia, Deus não apenas ama, mas ele mesmo é amor.

14. Na Bíblia, Deus é misericordioso porque ama; no Alcorão, ele ama porque é misericordioso.

Sendo misericordiosos uns para com os outros

15. Os cristãos devem ser misericordiosos para com os outros, tendo Deus como exemplo supremo de misericórdia. O mesmo não ocorre no Alcorão.

Soberania, justiça e misericórdia de Deus

16. Ao contrário do Alcorão, Deus mostra sua misericórdia fornecendo os meios pelos quais sua justiça pode ser satisfeita. Todos pecaram e mereciam morrer. No entanto, em Jesus, a misericórdia e a justiça de Deus vêm juntas.

APÊNDICE 2



PALAVRAS HEBRAICAS PARA MISERICÓRDIA E suas traduções para o português

Antigo Testamento

Palavras hebraicas	Palavras usadas em português (NVI)
<i>Hesed</i> (248 vezes)	Bondade, amor infalível, bondade infalível, grande amor, misericórdia, amor, bondade, atos de devoção, favor, devoto, fielmente, glória, benevolência
<i>Hanan</i> (78 vezes)	Misericórdia, gracioso, misericordioso, gentil, implorar, suplicou, generoso, ter piedade, fazer súplicas, implorei, encantador, fazer uma bondade, favor, generosamente, a graça é mostrada, graciosamente dada, orou, mostrar favor
<i>Hannun</i> (13 vezes)	Gracioso, compassivo
<i>Raham</i> (47 vezes)	Compaixão, amor, misericórdia, amado, piedade
<i>Rahamim</i> (40 vezes)	Compaixão, misericórdia, compaixões, profundamente comovido, favor, atos gentis, misericordioso, apiedado, piedade, simpatia
<i>Rahum</i> : (13 vezes)	Compassivo, misericordioso

APÊNDICE 3



PALAVRAS GREGAS PARA MISERICÓRDIA E suas traduções em português

Novo Testamento

Palavras em grego	Palavras usadas em português NVI
<i>Eleeō</i> (32 vezes)	Misericórdia, piedade, misericordioso
<i>Eleos</i> (27 vezes)	Misericórdia, misericordioso, terna misericórdia
<i>Eleemon</i> (2 vezes)	Misericordioso
<i>Oiktirmos</i> (5 vezes)	Compaixão, misericórdia
<i>Oiktirmōn</i> (3 vezes)	Misericordioso, misericórdia
<i>Oiktiro</i> (2 vezes)	Compaixão
<i>Splanchnizomai</i> (12 vezes)	Compaixão, piedade, cheio de compaixão, se compadeceu, ter compaixão
<i>Splanchnon</i> (11 vezes)	Afeto, carinhosamente, piedade, coração, corações, terna misericórdia, ternura, próprio coração

APÊNDICE 4



Passagens do Alcorão mencionadas neste trabalho

2:26	Deus não Se furta em exemplificar com um insignificante mosquito ou com algo maior ou menor do que ele. E os fiéis sabem que esta é a verdade emanada de seu Senhor. Quanto aos incrédulos, asseveram: Que quererá significar Deus com tal exemplo? Com isso desvia muitos e encaminha muitos outros. Mas, com isso, só desvia os depravados.
2:30	(Recorda-te ó Profeta) de quando teu Senhor disse aos anjos: Vou instituir um legatário na terra! Perguntaram-Lhe: Estabelecerás nela quem alí fará corrupção, derramando sangue, enquanto nós celebramos Teus louvores, glorificando-Te? Disse (o Senhor): Eu sei o que vós ignorais.
2:97-98	Dize-lhes Quem for inimigo de Gabriel, saiba que ele, com o beneplácito de Deus, impregnou-te (o Alcorão) no coração, para corroborar o que foi revelado antes; é orientação e alvissaras de boas novas para os fiéis. Quem for inimigo de Deus, de Seus anjos, dos Seus mensageiros, de Gabriel e de Miguel, saiba que Deus é adversário dos incrédulos.
2:190	Combatei, pela causa de Deus, aqueles que vos combatem; porém, não pratiqueis agressão, porque Deus não estima os agressores.
2:195	Fazei dispêndios pela causa de Deus, sem permitir que as vossas mãos contribuam para vossa destruição, e praticai o bem, porque Deus aprecia os benfeitores.
2:215	Perguntam-te que parte devem gastar (em caridade). Dize-lhes: Toda a caridade que fizerdes, deve ser para os pais, parentes, órfãos, necessitados e viajantes (desamparados). E sabeis que todo o bem que fizerdes, Deus dele tomará consciência.
2:222	Consultar-te-ão acerca da menstruação; dize-lhes: É uma impureza. Absten-de-vos, pois, das mulheres durante a menstruação e não vos acerqueis delas até que se purifiquem; quando estiverem purificadas, aproximai-vos então delas, como Deus vos tem disposto, porque Ele estima os que arrependem e cuidam da purificação.
2:254	Ó fiéis, fazei caridade com aquilo com que vos agradecemos, antes que chegue o dia em que não haverá barganha, amizade, nem intercessão. Sabeis que os incrédulos são iníquos.
2:286	Deus não impõe a nenhuma alma uma carga superior às suas forças. Beneficiar-se-á com o bem quem o tiver feito e sofrerá mal quem o tiver cometido. Ó Senhor nosso, não nos condenes, se nos esquecermos ou nos equivocarmos! Ó Senhor nosso, não nos imponhas carga, como a que impuseste a nossos antepassados! Ó Senhor nosso, não nos sobrecarregues com o que não podemos suportar! Tolera-nos! Perdoa-nos! Tem misericórdia de nós! Tu és nosso Protetor! Concede-nos a vitória sobre os incrédulos!

3:31	Dize: Se verdadeiramente amais a Deus, segui-me; Deus vos amará e perdoará as vossas faltas, porque Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo.
3:76	Qual! No entanto, quem cumpre o seu pacto e teme, saiba que Deus aprecia os tementes...
3:128-129	Não é da tua alçada, mas de Deus, absolvê-los ou castigá-los, porque são iníquos. Perdoa a quem Lhe apraz e castiga a quem deseja, porque Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo.
3:140	Quando receberdes algum ferimento, sabeis que os outros já sofreram ferimento semelhante. E tais dias (de infortúnio) são alternados, entre os humanos, para que Deus Se assegure dos fiéis e escolha, dentre vós, os mártires; sabeis que Deus não aprecia os iníquos.
3:146	Quanto profetas e, com eles, quantos grupos lutaram pela causa de Deus, sem desanimarem com o que lhes aconteceu; não se acovardaram, nem se renderam! Deus aprecia os perseverantes.
3:157	Mas, se morrerdes ou fordes assassinados pela causa de Deus, sabeis que a Sua indulgência e a Sua clemência são preferíveis a tudo quando possam acumular.
4:28	Deus deseja aliviar-vos o fardo, porque o homem foi criado débil.
4:40	Deus não frustrará ninguém, nem mesmo no equivalente ao peso de um átomo; por outra, multiplicará toda a boa ação e concederá, de Sua parte, uma magnífica recompensa.
5:13	Porém, pela violação de sua promessa, amaldiçoamo-los e endurecemos os seus corações. Eles deturpam as palavras (do Livro) e se esqueceram de grande parte que lhes foi revelado; não cessas de descobrir a perfídia de todos eles, salvo de uma pequena parte; porém, indulta-os e perdoa-lhes os erros, porque Deus aprecia os benfeitores.
5:93	Os fiéis que praticam o bem não serão reprovados pelo que comeram (anteriormente, mas coisas ilícitas), uma vez que delas passem a se abster, continuando a crer e a praticar o bem, a ser tementes a Deus e, crer novamente e praticar a caridade. Deus aprecia os benfeitores.
5:98	Sabeis que Deus é severíssimo no castigo, assim como também é Indulgente, Misericordiosíssimo.
6:54	Quando te forem apresentados aqueles que creem nos Nossos versículos, dize-lhes: Que a paz esteja convosco! Vosso Senhor impôs a Si mesmo a clemência, a fim de que aqueles dentre vós que, por ignorância, cometerem uma falta e logo se arrependem e se encaminham, venham a saber que Ele é Indulgente, Misericordiosíssimo.
6:146	Quanto àqueles que seguiram a lei judaica, vedamos-lhes os animais solípedes (472) e, dos bovinos e ovinos, vedamos-lhes as gorduras, exceto as que estão no lombo, nas entranhas ou as aderentes aos ossos. Isso foi em castigo por sua iniquidade, porque somos Veracíssimos.
6:154-155	Havíamos concedido a Moisés o Livro como uma bênção para quem o observasse, contendo a explanação de tudo, e sendo orientação e misericórdia, a fim de que (os israelitas) cressem no comparecimento ante seu Senhor. E este é o Livro bendito que revelamos (ao Mensageiro); observai-o, pois, e temei a Deus; quicá Ele Se compadeça de vós.

6:165	Ele foi Quem vos designou legatários na terra e vos elevou uns sobre outros, em hierarquia, para testar-vos com tudo quanto vos agraciou. Teu Senhor é Destro no castigo, conquanto seja Indulgente, Misericordiosíssimo.
7:23	Disseram: Ó Senhor nosso, nós mesmos nos condenamos e, se não nos perdoares a Te apiedares de nós, seremos desventurados!
7:52	Não obstante lhes temos apresentado um Livro, o qual lhes elucidamos sabiamente, e é orientação e misericórdia para os crentes.
7:56	E não causeis corrupção na terra, depois de haver sido pacificada. Outrossim, invocai-O com temor e esperança, porque Sua misericórdia está próxima dos benfeitores.
7:70	Disseram-lhe: Vens, acaso, para fazer com que adoremos só a Deus e abandonarmos os que adoravam nossos pais? Faze, pois, com que se cumpram as tuas predições, se estiveres certos.
7:152-153	Quanto àqueles que adoraram o bezerro, a abominação de seu Senhor os alcançará, assim como o desdém, na vida deste mundo. Assim castigaremos os forjadores. Quanto àqueles que cometem torpezas e logo se arrependem e creem, fica sabendo que Teu Senhor é, depois disso, Indulgente, Misericordiosíssimo.
7:155-157	Então Moisés selecionou setenta homens, dentre seu povo, para que comparessem ao lugar por Nós designado; e quando o tremor se apossou deles, disse: Ó Senhor meu, quisesses Tu, tê-los-ias exterminado antes, juntamente comigo! Porventura nos exterminarias pelo que cometeram os néscios dentre nós? Isto não é mais do que uma prova Tua, com a qual desvias quem faz isso, e encaminhas quem Te apraz; Tu és nosso Protetor. Perdoa-nos e apieda-Te de nós, porque Tu és o mais equânime dos indulgentes! Concede-nos uma graça, tanto neste mundo como no outro, porque a Ti nos voltamos contritos. Disse: Com Meu castigo açoito quem quero e Minha clemência abrange tudo, e a concederei aos tementes (a Deus) que pagam o zakat, e creem nos Nossos versículos. São aqueles que seguem o Mensageiro, o Profeta iletrado, o qual encontram mencionado em sua Tora e no Evangelho, o qual lhes recomenda o bem e que proíbe o ilícito, prescreve-lhes todo o bem e veda-lhes o imundo, alivia-os dos seus fardos e livra-os dos grilhões que o deprimem. Aqueles que nele creram, honraram-no, defenderam-no e seguiram a Luz que com ele foi enviada, são os bem-aventurados.
9:4-5	Cumpri o ajuste com os idólatras, com quem tendes um tratado, e que não vos tenham atraído e nem tenham secundado ninguém contra vós; cumpri o tratado até à sua expiração. Sabei que Deus estima os tementes. Mas quanto os meses sagrados houverem transcorrido, matai os idólatras, onde quer que os acheis; capturai-os, acossai-os e espreitai-os; porém, caso se arrependam, observem a oração e paguem o zakat, abri-lhes o caminho. Sabei que Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo.
9:20-22	As pessoas pela causa de Deus, obterão maior dignidade ante Deus e serão os ganhadores. O seu Senhor lhes anuncia a Sua misericórdia, a Sua complacência, e lhes proporcionará jardins, onde gozarão de eterno prazer, Onde morarão eternamente, porque com Deus está a magnífica recompensa.

9:71-72	Os fiéis e as fiéis são protetores uns dos outros; recomendam o bem, proíbem o ilícito, praticam a oração, pagam o zakat, e obedecem a Deus e ao Seu Mensageiro. Deus Se compadecerá deles, porque Deus é Poderoso, Prudentíssimo. Deus prometeu aos fiéis e às fiéis jardins, abaixo dos quais correm os rios, onde morarão eternamente, bem como abrigos encantadores, nos jardins do Éden; e a complacência de Deus é ainda maior do que isso. Tal é o magnífico benefício.
9:91-92	Estão isentos: os inválidos, os enfermos, os baldos de recursos, sempre que sejam sinceros para com Deus e Seu mensageiro. Não há motivo de queixa contra os que fazem o bem, e Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo. Assim como forma considerados (isentos) aqueles que se apresentaram a ti, pedindo que lhes arranjasses montaria, e lhes disseste: Não tenho nenhuma para proporcionar-vos; voltaram com os olhos transbordantes de lágrimas, por pena de não poderem contribuir.
9:100	Quanto aos primeiros (muçulmanos), dentre os migrantes e os socorredores (Ansar do Mensageiro), que imitaram o glorioso exemplo daqueles, Deus se comprazera com eles e eles se comprazerão n'Ele; e lhes destinou jardins, abaixo dos quais correm os rios, onde morarão eternamente. Tal é o magnífico benefício.
9:108	Jamais te detenhas ali, porque uma mesquita que desde o primeiro dia tenha sido erigida por temor a Deus é mais digna de que nela te detenhas; e ali há homens que anseiam por purificar-se; e Deus aprecia os puros.
10:59-60	Dize ainda: Reparastes nas dádivas que Deus vos envia, as quais classificais em lícitas e ilícitas? Dize-lhes mais: Acaso, Deus vo-lo autorizou, ou forjais mentiras acerca de Deus? Em que pensarão no Dia da Ressurreição aqueles que forjam mentiras acerca de Deus? Deus é agraciador para com os humanos: porém, sua maioria não agradece.
11:47	Disse: Ó Senhor meu, refugio-me em Ti por perguntar acerca do que ignoro e, se não me perdoares e Te compadeceres em mim, serei um dos desventurados.
11:61	E ao povo de Samud enviamos seu irmão Sáleh, que lhes disse: Ó povo meu, adorai a Deus porque não tereis outra divindade além d'Ele; Ele foi Quem vos criou a terra e nela vos enraizou. Implorai, pois, Seu perdão; voltai a Ele arrependidos, porque meu Senhor está próximo e é Exorável.
11:69	eis que os Nossos mensageiros trouxeram a Abraão alvíssaras de boas novas, dizendo: Paz! E ele respondeu: Paz! E não tardou em obsequiá-los com um vitelo assado.
11:76	Ó Abraão, não insistais mais nisso, porque a sentença de teu Senhor foi pronunciada, e em breve os fustigará um castigo irrevogável.
11:90	E implorai o perdão de vosso Senhor; voltai a Ele, arrependidos, porque meu Senhor é Misericordioso, Afetuosíssimo.
11:97	Ao Faraó e seus chefes; porém, estes obedeceram à ordem do Faraó, embora a ordem do Faraó fosse insensata.
12:53	Porém, eu não me escuso, porquanto o ser é propenso ao mal, exceto aqueles de quem o meu Senhor se apiada, porque o meu Senhor é Indulgente, Misericordiosíssimo.

16:5-8	E criou o gado, do qual obtendes vestimentas, alimento e outros benefícios. E tendes nele encanto, quer quando o conduzis ao aprisco, quer quando, pela manhã, os levais para o pasto. Ainda leva as vossas cargas até as cidades, às quais jamais chegaríeis, senão à custa de grande esforço. Sabei que o vosso Senhor é Compassivo, Misericordiosíssimo. E (criou) o cavalo, o mulo e o asno para serem cavalgados e para o vosso deleite, e cria coisas mais, que ignorais.
16:120	Abraão era Imam e monoteísta, consagrado a Deus, e jamais se contou entre os idólatras.
17:24	E estende sobre eles a asa da humildade, e diz: Ó Senhor meu, tem misericórdia de ambos, como eles tiveram misericórdia de mim, criando-me desde pequenino!
17:68-70	Estais, acaso, seguros de que Ele não fará a terra tragar-vos ou de que não desencadeará sobre vós um furacão, sem que possais encontrar guardião algum? Ou estais, então, seguros de que não vos devolverá novamente ao mar e de que não desencadeará sobre vós uma tormenta que vos afogará, por vossa ingratidão, sem que possais encontrar quem vos aproxime de Nós? Enobrecemos os filhos de Adão e os conduzimos pela terra e pelo mar; agradiamo-los com todo o bem, e preferimos enormemente sobre a maior parte de tudo quanto criamos.
17:110	Dize-lhes: Quer invoqueis a Deus, quer invoqueis o Clemente, sabeis que d'Ele são os mais sublimes atributos! Não profiras (ó Mohammad) a tua oração em voz muito alta, nem em voz demasiado baixa, mas procura um tom médio, entre ambas.
18:58	Porém, teu Senhor é Indulgente, Misericordiosíssimo. Se ele os punisse pelo que cometeram, acelerar-lhes-ia o castigo; porém, terão um prazo, depois do qual jamais terão escapatória.
19:2-11	Eis o relato da misericórdia de teu Senhor para com o Seu servo, Zacarias. Ao invocar, intimamente, seu Senhor, Dizendo: Ó Senhor meu, os meus ossos estão debilitados, o meu cabelo embranqueceu; mas nunca fui desventurado em minhas súplicas a Ti, ó Senhor meu! Em verdade, temo pelo que farão os meus parentes, depois da minha morte, visto que minha mulher é estéril. Agracia-me, de tua parte, com um sucessor! Que represente a mim e à família de Jacó; e faze, ó meu Senhor, com que esse seja complacente! Ó Zacarias, alvissaramos-te o nascimento de uma criança, cujo nome será Yahia (João). Nunca denominamos, assim, ninguém antes dele. Disse (Zacarias): Ó Senhor meu, como poderei ter um filho, uma vez que minha mulher é estéril e eu cheguei à senilidade? Respondeu-lhe: Assim será! Disse teu Senhor: Isso Me é fácil, visto que te criei antes mesmo de nada seres. Suplicou: Ó Senhor meu, faze-me um sinal! Disse-lhe: Teu sinal consistirá em que não poderás falar com ninguém durante três noites. Saiu do templo e, dirigindo-se ao seu povo, indicou-lhes, por sinais, que glorificassem Deus, de manhã e à tarde.

19:20-21	Disse-lhe: Como poderei ter um filho, se nenhum homem me tocou e jamais deixei de ser casta? Disse-lhe: Assim será, porque teu Senhor disse: Isso Me é fácil! E faremos disso um sinal para os homens, e será uma prova de Nossa misericórdia. E foi uma ordem inexorável.
19:52-54	Chamamo-lo à esarpa direita do Monte e fizemos com que se aproximasse, para uma confidência. E o agradamos com a Nossa misericórdia, com seu irmão Aarão, outro profeta. E menciona, no Livro, (a história real) de Ismael, porque foi leal às suas promessas e foi um mensageiro e profeta.
21:75	E o amparamos em Nossa misericórdia, porque era um dos virtuosos.
21:83-84	E (recorda-te) de quando Jó invocou seu Senhor (dizendo): Em verdade, a adversidade tem-me açoitado; porém, Tu és o mais clemente dos misericordiosos! E o atendemos e o libertamos do mal que o afligia; restituímos-lhes a família, duplicando-a, como acréscimo, em virtude da Nossa misericórdia, e para que servisse de mensagem para os adoradores.
21:106-107	Nisto há uma mensagem para os adoradores. E não te enviamos, senão como misericórdia para a humanidade.
23:109	Houve uma parte de Meus servos que dizia: Ó Senhor nosso, cremos! Perdoai-nos, pois, e tem piedade de nós, porque Tu és o melhor dos misericordiosos!
25:60	quando lhes é dito: Prostrai-vos ante o Clemente!, dizem: E quem é o Clemente? Temos de nos prostrar ante quem nos mandas? E isso lhes agrava a aversão.
26:65-68	E salvamos Moisés, juntamente com todos os que com ele estavam. Então, afogamos os outros. Sabei que nisto há um sinal; porém, a maioria deles não crê. Em verdade, teu Senhor é o Poderoso, o Misericordiosíssimo.
26:119-122	E o salvamos, juntamente com os que, com ele, apinhavam a arca. Depois, afogamos os demais. Sabei que nisto há um sinal; porém, a maioria deles não crê. E em verdade, teu Senhor é o Poderoso, o Misericordiosíssimo.
26:139-140	E o desmentiram. Por conseguinte, exterminamo-los. Sabei que nisto há um sinal; porém, a maioria deles não crê. E, em verdade, teu Senhor é o Poderoso, o Misericordiosíssimo.
26:158-159	E o castigo os açoitou. Sabei que nisto há um sinal; porém, a maioria deles não crê. Em verdade, teu Senhor é o Poderoso, o Misericordiosíssimo.
26:170-175	E o livramos, com toda a sua família, Exceto uma a anciã, que foi deixada para trás. Então, destruímos os demais, E desencadeamos sobre eles um impetuoso torvelinho; e que péssimo foi o torvelinho para os admoestadores (que fizeram pouco caso)! Sabei que nisto há um sinal; porém, a maioria deles não crê. E em verdade, teu Senhor é o Poderoso, o Misericordiosíssimo.

26:189-191	Porém o negaram: por isso os açoitou o castigo do dia da nuvem tenebrosa; em verdade, foi o castigo do dia funesto. Sabei que nisto há sinal; porém, a maioria deles não crê. E em verdade, teu Senhor é o Poderoso, o Misericordiosíssimo.
27:11	Mas se alguém, tendo-se condenado, logo se arrepende, trocando o mal pelo bem, (saiba que) sou Indulgente, Misericordiosíssimo.
28:43	Depois de termos aniquilado as primeiras gerações, concedemos a Moisés o Livro como discernimento, orientação e misericórdia para os humanos, a fim de que refletissem.
28:73	Mercê de Sua misericórdia vos fez a noite e o dia; (a noite) para que repou-seis; (o dia) para que procureis a Sua graça, a fim de que Lhe agradeçais.
30:21	Entre os Seus sinais está o de haver-vos criado companheiras da vossa mesma espécie, para que com elas convivais; e colocou amor e piedade entre vós. Por certo que nisto há sinais para os sensatos.
30:49-50	A despeito de estarem desesperados antes de recebê-la (a chuva). Contempla, pois, (ó humano), os traços da misericórdia de Deus! Como vivifica a terra, depois de esta haver sido árida! Em verdade, Este é o (Mesmo) Ressuscitador dos mortos, porque Ele é Onipotente.
33:45-46	Ele é Quem vos abençoa, assim como (fazem) Seus anjos, para tirar-vos das trevas e levar-vos para a luz; sabeis que Ele é Misericordioso para com os fiéis. Sua saudação, no dia em que comparecerem ante Ele, será: Paz! E está-lhes destinada uma generosa recompensa.
38:42	(Ordenamos-lhe): Golpeia (a terra) com teu pé! Eis aí um manancial (de água), para banho, refrigério e bebida.
39:53-54	Dize: Ó servos meus, que se excederam contra si próprios, não desesperéis da misericórdia de Deus; certamente, Ele perdoa todos os pecados, porque Ele é o Indulgente, o Misericordiosíssimo. E voltaí, contritos, porque, então, não sereis socorridos.
42:8	Se Deus quisesse, tê-los-ia (os humanos) constituído em uma só nação, porque acolhe em Sua misericórdia quem Lhes apraz. Quando aos iníquos, não terão protetor, nem socorredor.
42:27-28	E se Deus prodigalizasse a Sua graça a todos os Seus servos, eles se excederiam na terra; porém, agracia proporcionalmente, porque está bem inteirado, e é Observador dos Seus servos. Ele é Que Lhes faz descer a chuva, após o desespero (da seca), e dispensa a Sua misericórdia (a quem Lhe apraz), porque é o Protetor, o Laudabilíssimo.
45:30	Quanto aos fiéis que praticam o bem, seu Senhor os acolherá em sua misericórdia. Tal é o evidente benefício!
46:11-12	E os incrédulos dizem aos fiéis: Se esta mensagem fosse uma boa coisa, (tais humanos) não se teriam antecipado a nós. E como não se guiam por ela, dizem: Isto é uma antiga falsidade! Porém, antes deste, já existia o Livro de Moisés, o qual era guia e misericórdia. E este (Alcorão) é um livro que o corrobora, em língua árabe, para admoestar os iníquos, e é alvíssaras para os benfeitores.

48:29	Mohammad é o Mensageiro de Deus, e aqueles que estão com ele são severos para com os incrédulos, porém compassivos entre si. Vê-los-ás genuflexos, prostrados, anelando a graça de Deus e a Sua complacência. Seus rostos estarão marcados com os traços da prostração. Tal é o seu exemplo na tora e no Evangelho, como a semente que brota, se desenvolve e se robustece, e se firma em seus talos, compraz aos semeadores, para irritar os incrédulos. Deus prometeu aos fiéis, que praticam o bem, indulgência e uma magnífica recompensa.
50:16	Criamos o homem e sabemos o que a sua alma lhe confia, porque estamos mais perto dele do que a (sua) artéria jugular.
57:27-28	Então, após eles, enviamos outros mensageiros Nossos e, após estes, enviamos Jesus, filho de Maria, a quem concedemos o Evangelho; e infundimos nos corações daqueles que o seguem compaixão e clemência. No entanto, seguem a vida monástica, que inventaram, mas que não lhes prescrevemos; (Nós lhes prescrevemos) apenas compraz a Deus; porém, não o observaram devidamente. E recompensamos os fiéis, dentre eles; porém, a maioria é depravada. Ó fiéis, temei a Deus e crede em Seu Mensageiro! Ele vos concederá dupla porção da Sua misericórdia, dar-vos-á uma luz, com que vos encaminhará e vos perdoará; e Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo.
61:4	Em verdade, Deus aprecia aqueles que combatem, em fileiras, por Sua causa, como se fossem uma sólida muralha.
63:9-11	Ó fiéis, que os vossos bens e os vossos filhos não vos alheiem da recordação de Deus, porque aqueles que tal fizerem, serão desventurados. Fazei caridade de tudo com que vos agradamos, antes que a morte surpreenda qualquer um de vós, e este diga: Ó Senhor meu, porque não me toleras até um término próximo, para que eu possa fazer caridade e ser um dos virtuosos? Porém, Deus jamais adiará a hora de qualquer alma, quando ela chegar, porque Deus está bem inteirado de tudo quanto fazeis.
64:3	Em verdade, criou os céus e a terra e vos configurou com a melhor forma, e a Ele retornareis.
73:20	Em verdade, o teu Senhor sabe que tu te levantas para rezar, algumas vezes durante dois terços da noite, outras, metade, e outras, ainda, um terço, assim como (o faz) uma boa parte dos teus; mas Deus mede a noite e o dia, e bem sabe que não podeis precisar (as horas), pelo que vos absolve. Recitai, pois, o que puderdes do Alcorão! Ele sabe que, entre vós, há enfermos, e outros que viajam pela terra, à procura da graça de Deus, e outros, que combatem pela causa de Deus(1769). Recitai, ofereci espontaneamente a Deus. E todo o bem que fizerdes, será em favor às vossas almas; achareis a recompensa em Deus, porque Deus é Indulgente, Misericordiosíssimo.

76:5-10	Em verdade, os justos beberão, em uma taça, um néctar, mesclado com cânfora. De uma fonte, da qual beberão todos os servos de Deus. Eles a fazem fluir abundantemente, Porque cumprem os seus votos e temem o dia em que o mal estará espalhado, E porque, por amor a Ele, alimentam o necessitado, o órfão e o cativo. (Dizendo): Certamente vos alimentamos por amor a Deus; não vos exigimos recompensa, nem gratidão. Em verdade, tememos, da parte do nosso Senhor, o dia da aflição calamitosa.
95:4	Que criamos o homem na mais perfeita proporção.

BIBLIOGRAFIA



Ali, A. Y.	<i>The Holy Qur'an – Translation and Commentary</i> (Islamic Propagation Centre International, 1993).
Amir-Ali, H.	<i>The Message of the Qur'an Presented in Perspective</i> (Tokio: Charles E. Tuttle Company, 1974).
Baker, J. P.	"Love of God" em <i>New Dictionary of Theology</i> (electronic ed.), Ferguson, S. B.; Packer, J. (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2000).
Bakker, D.	"The Concept of Rahman in the Psalms and in the Qur'an" em <u>Bulletin on Islam and Christian-Muslim Relations in Africa</u> (vol. 5:1, 1987), pp. 1-7.
Brueggemann, W.	<i>Reverberations of Faith – A Theological Handbook of Old Testament Themes</i> (Louisville, Kentucky: Westminster John Knox Press, 2002).
Bukhari	<i>Sahih</i> , M. M. Khan (translator), vol. 1 (Beirut: Dar Al Arabia, 1985).
	<i>Sahih</i> , M. M. Khan (translator), vol. 8 (Beirut: Dar Al Arabia, 1985).
Carra de Vaux, B.	"Basmala" em <i>Encyclopaedia of Islam</i> (2 nd . edition), vol. 1, H. A. R. Gibb et al (eds.), (Leiden, Netherlands, E. J. Brill, 1979), pp. 1084-1085.
Clark, G. R.	<i>The Word Heseḏ in the Hebrew Bible</i> (Sheffield, England: JSOT Press, 1993).
Cragg, K.	<i>Readings in the Qur'an</i> (London: Collins Liturgical Publications, 1988).
Concise Oxford Dictionary, The	(Oxford: Oxford University Press, 1996)
Ellingworth, P.	"Forgiveness of Sins" em <i>Dictionary of Jesus and the Gospels</i> , J. B. Green, S. McKnight, I. H. Marshall (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press: 1992), pp. 241-243.
Finlayson, R. A.; Jensen, P. F.	"God" em <i>New Bible Dictionary</i> (electronic edition of 3 rd . ed.), D. R. W. Wood and I. H. Marshall (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1996).
Gardet, L.	"Allah" em <i>Encyclopaedia of Islam</i> (2 nd . edition), vol. 1, H. A. R. Gibb et al, (eds.) (Leiden, Netherlands: E. J. Brill, 1979), pp. 406-417.
Garland, D. E.	"Mercy" em <i>The International Standard Bible Encyclopedia</i> , vol. 3, G. W. Bromiley (ed.), (Grand Rapids, Michigan: William B. Eedermans Publishing, 1986).
Al-Ghazali, A. H.	<i>The Ninety-Nine Beautiful Names of God</i> (Cambridge, UK: The Islamic Texts Society, 1995).

Gimaret, D.	“Rahma” em <i>Encyclopaedia of Islam</i> (2 nd . edition), vol. 8, C.E. Bosworth et al (eds.), (Leiden, Netherlands: E. J. Brill, 1995), pp. 398-399.
	<i>Les Noms Divins en Islam</i> (Paris: Les Éditions du Cerf, 1988).
	“Shirk” em <i>Encyclopaedia of Islam</i> (2 nd . edition), vol. 9, C. E. Bosworth et al, (eds.), (Leiden, Netherlands: Brill, 1997), pp. 484-486.
Goodrick, E. W; Kohlenberger III, J. R.	<i>The NIV Exhaustive Concordance</i> (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1990).
Hoad, J. W. L	“Mercy” em <i>New Bible Dictionary</i> (electronic edition of 3 rd . ed.), D.R. W. Wood; I. H. Marshall, I. H.(eds.), (Downers Grove: InterVarsity Press, 1996).
Holy Bible, The	King James Version (Electronic edition of the 1769 edition of the 1611 Authorized Version.). (Oak Harbor, Washington: Logos Research Systems, 1995).
Holy Bible, The	New Revised Standard Version (electronic ed.), (Nashville, USA: Thomas Nelson, 1996).
Holy Qur'an, The	[E-book] < http://www.sacred-texts.com/isl/htq/ > (25 June 2005).
Ibn Kathir, H.	<i>Tafsir Ibn Kathir</i> [e-book] < http://www.tafsir.com > (28 June 2005).
Jenni, E.; Westermann, C.	<i>Theological Lexicon of the Old Testament</i> , vol. 2 (Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1997).
Kassis, H. E.	<i>A Concordance of the Qur'an</i> (Los Angeles, California: University of California Press, 1983).
Kepel, G.	<i>The Roots of Radical Islam</i> (London: Saqi Books, 2005).
Letham, R. W. A.	“Arminianism” em <i>New Dictionary of Theology</i> (electronic ed.), S. B. Ferguson; J. Packer (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2000).
Liefeld, W. L.	“Salvation” em <i>The International Standard Bible Encyclopaedia</i> , vol. 4, G. W. Bromiley (ed.), (Grand Rapids, Michigan: William B. Eedermans Publishing, 1988), pp. 287-295.
Mallouhi, C. A.	<i>Waging Peace on Islam</i> (Mill Hill, London: Monarch Books, 2000).
Marshall, A.	<i>The Interlinear KJV-NIV Parallel New Testament in Greek and English</i> (Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1975).
Martens, E. A.	<i>God's Design – A Focus on Old Testament Theology</i> , 2 nd edition, (Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1994).
Mawdudi, S. A.	<i>Towards Understanding the Qur'an</i> , vols. 1-5 (Leicester, England: The Islamic Foundation, 1995).
Meiklejohn, J. W.	“Compassion” em <i>New Bible Dictionary</i> (electronic edition of 3 rd . ed.) D. R. W. Wood; I. H. Marshall, I. H. (eds.), (Downers Grove: InterVarsity Press, 1996).
McAuliffe, J. D.	<i>Qur'anic Christians – An Analysis of Classical and Modern Exegesis</i> (Cambridge: Cambridge University Press, 1991).

Morris, L.	"Mercy" em <i>Dictionary of Paul and his Letters</i> , G. F. Hawthorne et al (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 1993), pp. 601-602.
Moucarray, C.	<i>The Search for Forgiveness – Pardon and Punishment in Islam and Christianity</i> (Leicester, England: Inter-Varsity Press, 2004).
	<i>Pardon, Repentir, Conversion – Étude de ces concepts en Islam et de leurs équivalents bibliques</i> (PhD Thesis, École Pratique des Hautes Études, Paris, 1994).
	<i>Faith to Faith – Christianity and Islam in Dialogue</i> (Leicester, England: Inter-Varsity Press, 2001).
Muslim	<i>Sahih</i> , vol. 4 (New Delhi: Kitab Bhavan, 1982).
Nettler, R.	"Ibn Arabi's Notion of Allah's Mercy" em <i>Israel Oriental Studies</i> , vol. 8 (1978), pp. 219-229.
Noor al-Deen	"Both Transcendent and Immanent" [web page] < http://www.islam-online.net/english/introducingislam/Belief/Allah/article03.shtml >, posted on 20/04/2004 (02 August 2005).
Palmer, E. H. (translator)	<i>The (meaning of the) Qur'an</i> [e-book] < http://www.sacred-texts.com/isl/palm/index.htm > (16 June 2005).
Parshall, P.	<i>New Paths in Muslim Evangelism – Evangelical Approaches to Contextualization</i> (Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1980)
Pickthall, M. M. (translator)	<i>The Meaning of the Glorious Quran</i> [e-book] http://www.sacred-texts.com/isl/htq/ (17 June 2005).
Qutb, S.	<i>In the Shade of the Qur'an</i> (Leicestershire, England: The Islamic Foundation, 2002, vols. 1-7).
Rahbar, D.	<i>God of Justice</i> (Leiden, Netherlands: E. J. Brill, 1960).
Rahman, F.	<i>Major Themes of the Qur'an</i> (Chicago: Bibliotheca Islamica, 1980).
Reid, W. S.	"Atonement" em <i>The International Standard Bible Encyclopedia</i> , vol. 1, G. W. Bromiley (ed.), (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing, 1979), pp. 352-360.
Richardson, D.	<i>Secrets of the Qur'an – Revealing Insights into Islam's Holy Book</i> (Ventura, California: Regal Books, 2003).
Rippin, A.	<i>Approaches to the History of the Interpretation of the Qur'an</i> (Oxford: Clarendon Press, 1988).
Stott, J. R. W.	<i>The Message of Romans – The Bible Speaks Today</i> series (Leicester, UK: InterVarsity Press: 1994).
Stuart, D. K.	"Steadfast Love" em <i>The International Standard Bible Encyclopaedia</i> , vol. 4, G. W. Bromiley (ed.), (Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing, 1988), pp. 613-614.
Tabari, A. J. M.	<i>The Commentary on the Qur'an</i> , vol. 1 (Oxford: Oxford University Press, 1987).
Towner, P. H.	"Mercy/Compassion" em <i>New Dictionary of Biblical Theology</i> (electronic ed.), T. D. Alexander; B. S. Rosner (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press, 2000).

Turner, G. A.	"Love" em <i>The International Standard Bible Encyclopedia</i> , vol. 3, G. W. Bromiley (ed.), (Grand Rapids, Michigan: William B. Eedermans Publishing, 1988), pp. 173-176.
Van Gorder, A. C.	<i>No God but God – A Path to Muslim-Christian Dialogue on God's Nature</i> (Maryknoll, New York: Orbis Books, 2003).
Vine, W. E.	<i>The Expanded Vine's Expository Dictionary of New Testament Words</i> , John R. Kohlenberger III (ed.), (Minneapolis: Bethany House Publishers, 1984).
Watt, W. M.	"The Chronology of the Qur'an: Bell's Introduction to the Qur'an" [web page] < http://www.truthnet.org/islam/Watt/Chapter7.html > (02 June 2005).
Williams, D. J.	"Mercy" em <i>Dictionary of Jesus and the Gospels</i> , J. B. Green et al (eds.), (Downers Grove, Illinois: InterVarsity Press: 1992), pp. 541-543.
Younger Jr., K. L.	<i>The NIV Application Commentary of Ruth</i> (Grand Rapids, Michigan: Zondervan, 2002).
Wright, C. J. H.	<i>Deuteronomy – New International Biblical Commentary –</i> (Massachusetts: Hendrickson Publishers, 1996).
Zwemer, S. M.	<i>The Moslem Doctrine of God</i> (New York: American Tract Society, 1905).